ANO 27.º — Número 1366 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 2 de Março de 1958

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

BERNARDO PINHEIRO CORREIA DE MELO

«CONDE DE ARNOSO»

Dr. J. Soares Leite.

Ao evocar a nobre figura do Conde de Arnoso não quero mais do que focar a personalidade dum vimaranense a todoa os títulos ilustre.

Nasceu esse ínclito varão na Casa do Proposto, desta cidade, em 27 de Maio de 1855. Filho do primeiro Visconde de Pindela, cidadão ilustre que foi presidente da Câmara Municipal de Guimarães, e que teve a dita de aqui receber a Raínha D. Maria II, em 1853, na histórica visita em que a vila foi elevada a cidade. Ressoam ainda as homenagens prestadas por Guimarães a quando da passagem do primeiro centenário desse festivo acontecimento em que toda a Nação tomou parte! Não esqueceremos nós que foi seu Pai, o Visconde de Pindela, que teve a honra, como Presidente da Câmara, de entregar à Senhora e Raínha as chaves da Vila.

Educado primorosamente, o Conde de Arnoso pelas suas qualidades morais, pela sua cultura, pelo seu trato afável e altos conhecimentos conseguiu superar-se aos homens da época e ocupar altos cargos que sempre exerceu com rectidão, aprumo e saber.

Bernardo Pinheiro Moreira de Melo foi general do Estado Maior de Engenharia, Par do Reino, Oficial Mor da Casa Real, Oficial às ordens dos Reis D. Luís e D. Carlos, tendo sido ainda Secretário Particular deste último monarca. Além destes altos cargos, a que foi chamado pelas suas altas qualidades de «Homem de Bem, modelo de honra, de valor, coerência e fidelidade», como afirmou Ramalho Ortigão, o Conde de Arnoso foi uma alta figura de intelectual, primoroso nas letras, acupando lugar de destaque no nosso meio literário desde que publicou o seu primeiro livro «*Azulejos*». Como prosador, o seu valor literário patenteia-se através de outras e diversas obras, onde mostra qualidades de elegância e vivacidade, como nas «Jornadas pelo Mundo», «Contos», «Artigos de Jornal», e ainda nas peças teatrais «A Primeira Nuvem» e «Suave Milagre».

Foi um grande amigo e servidor do rei D. Carlos, pelo que sentiu imenso a sua trágica morte. Daí em diante o Conde de Arnoso morreu para a vida! Chorando o seu querido amigo, clamava por justiça numa atitude de grandeza moral que só o dignificava.

Conde de Arnoso

Isolou-se do mundo, dos amigos e a sua pena vigorosa passou a combater todos quantos atacaram o seu rei num apuramento de responsabilidades, o que só revela nobreza de carácter, fidelidade e sinceridade para com o seu soberano.

O Conde de Arnoso foi um grande amigo da sua terra natal, tendo pugnado sempre pelo seu progresso e por todos os vimaranenses, sem distinção de classes, que à sua porta iam bater.

Amigo de todos os desprotegidos, a todos acudia com a sua bondade, o seu alto prestígio e grande influência.

Não admira, pois, que Guimarães em breve venha a prestar nova homenagem ao Conde de Arnoso, erigindo-lhe uma estátua na sua terra natal. Bem o merece esse grande servidor da Pátria, Homem de vulto nas letras e cidadão distintíssimo.

Guimarães só se honrará prestando justiça aos seus filhos dilectos!

E o Conde de Arnoso foi uma dessas personalidades de alto valor como homem público da época. Guimarães perpectuará a sua memória celebrando agora o primeiro centenário do seu nasci-

Continua na 2.ª página

Epistolário Sentimental

Carlos Carneiro.

CAFÉ FLORE

Minha querida Amiga:

Café Flore. Escrevo-te do Café Flore. Saint Germain. Bancos de estofo escarlate. Ali, duas mulheres de cabelo de cor de fogo, uma parece a Joanne d'Arc. Ao canto, um rapaz de óculos de grossos aros negros, solitário, meditativo, só. Mais para cá, uma outra mulher um pouco forte, vestida de verde, óculos universitários. Lê o jornal e fuma. Ao meu lado, ainda outra, de cabelos negros, toda de negro, cabelo cortado à régua sobre a testa, óculos sem aro, solitária, fuma de perna cruzada. A' esquerda, um par de amorosos, os amorosos de Paris, que andam de mãos dadas por toda a parte e se beijam naturalmente por toda a parte. Paris não seria Paris sem esses pares abraçados pelos boulevards, *pelos cais, nas estações do Metro, como não seria Paris sem essa monstruosa Torre Eifel, que se ergue na bruma como um símbolo.*

«Garçon, un cafe crême et des croissants»! *E divago, observo este cenário cheio de figurantes estranhos, e bebo café com leite, e fumo um «gauloise», este cigarro de tabaco escuro, que sabe a «bistro» e a «boulevard».*

Quando estou em Portugal, uma das melhores coisas que podem levar-me de aqui é um maço destes «gauloises» azuis, que me transportam aos túneis imensos do Metro: Babylone, Rue du Bac, Concorde, Madeleine, Tuilleries... Paris!

Entrou agora uma gentil rapariga loira, olhos de cinza, cabelo escorrido, cor doirada, qualquer coisa de animal aquático, sereia ou ninfa chegada da Escandinávia... Um homem de casaco cinzento chega, beija uma mulher vestida de couro vermelho, da cor dos estofos destes bancos.

«Garçon, un demi, une blonde»! *Telintar de chávenas, uma mulher alta, cabelo de trigo, blusa verde, amplo casaco de pele, senta-se, tira o casaco, fica toda de verde, um verde brilhante, luminoso, que ilumina a sala... Um homem alto, jovem, de barba negra à volta do queixo, fuma cachimbo e procura alguém que não veio ainda. O meu café com leite arrefece, os meus «croissants» secam, cobertos pela campana de vidro. Entrou um rapaz de negro, que se dirige à rapariga aquática... Quando um homem está só, espera por ela, quando uma mulher está só, espera por ele.*

Anoitece lá fora. O meu café está frio.

Até breve, minha Amiga. Vou ver mais gente pelo Boulevard de Saint Germain. Saint Michel, a Notre-Dame em frente da minha janela, dormir e acordar para um novo dia.

Paris, Fevereiro de 1958.

Soneto para o irmão que vai pela noite...

Erram fantasmas trágicos e gnomos,
Gendarmes, beleguins, botafumeiros...
Nas trevas abissais uivam rafeiros
Que estrebucham em pânicos assomos...

E cruzamos os braços (nós que fomos
Gigantes, e leões, e aventureiros),
Na terra onde nascemos, e onde somos,
Onde nós somos menos que estrangeiros!...

Passa em rajada e em fúria a ventania...
E pela noite cada vez mais fria,
Pergunto quando finda a escuridão...

E marchamos de bruços e de rastros:
— Perdido o nosso olhar em sonhos de astros,
— Perdido em ideal o coração!...

1958 — (Inédito).

A. GARIBÁLDI.

Guimarães

sem «ficha» turística

A. L. de Carvalho.

Conhecem certamente o *Anuário do Turismo Português*, uma publicação luxuosa que traz este sub-título: *Portugal, País de Turismo.*

Não sendo uma publicação oficial, destina-se contudo a servir os interesses da propaganda turística do País, e, em verdade, os serve por maneira inteligente.

O seu coordenador sabe positivamente do assunto. Lançando à publicidade um anuário turístico tão bem organizado na sua apresentação gráfica, e vasado o seu texto em Português, Francês, Inglês, promoveu uma obra de alcance nacional.

Quando, pois, me dei à curiosidade em folhear o grosso volume, a minha atenção dirigiu-se a ver qual o tratamento que tinha no esplêndido *Anuário do Turismo Português*, a cidade de Guimarães.

Pois, senhores, dei voltas ao índice, manuseei as secções, os capítulos, os títulos e — nada me falou de Guimarães!

Podia lá ser, que naquele recheio de roteiros, guias, mapas, referentes ao turismo português, não houvesse uma página destinada à cidade que foi berço de Portugal?!

As gravuras deste trabalho de tomo, são tantas delas um atractivo turístico, e bem podia dar-se o caso de a imagem substituir o texto. Mas, nem gravuras, nem legendas, nem — coisa nenhuma! Guimarães, não obstante a grandeza e qualidade dos seus monumentos de arte religiosa, militar e civil; Guimarães, a despeito de mostrar ainda trechos pitorescos do velho burgo medieval; Guimarães, nem pelo facto de haver sido, històricamente, a *matriz* da nacionalidade, nada disso obstou a que ficasse fora do *Anuário do Turismo Português*!

Quanto à necessidade — primordial necessidade — em se propagandear a nossa terra, ela está prevista nestas palavras de exórdio insertas na referida publicação.

Reproduzo-as:

«Portugal... bem merece que se cuide cada vez mais de o apetrechar convenientemente com o número indispensável de hotéis, pousadas e estalagens, erguidas de Norte a Sul, para que o estrangeiro que nos visita possa melhor conhecer e demorar-se nos vários recantos da pequena *Casa Lusitana*».

Precisamente nestas palavras iniciais do *Anuário do Turismo Português* se põe em evidência uma das nossas necessidades locais — um Hotel de categoria turística para nele se fixarem viageiros que tragam no seu roteiro propósitos culturais, de observação, requeridos pelos nossos Museus e Arquivos, onde não faltam espécies e elementos para estudo.

Eis porque a publicação turística, a que me estou referindo, *não está completa, para nós vimaranenses, pois é evidente não se tratar de uma terra, como outra qualquer, sendo Guimarães, como é, a pedra basilar da Nação!*

Vimos ali focadas, entre outras terras portuguesas, Matosinhos, Monte Real, Moura, Nazaré, Caparica, Vila da Feira, etc., etc.; e, se todas essas terras e lugares merecem destaque, seja pelo seu pitoresco ou especialidades culinárias e doces regionais, não se negará a Guimarães uma posição de justo relevo turístico para poder e dever alinhar com as mais terras distinguidas.

E agora, para que se não debata a curiosidade do leitor em saber os motivos de tal isolamento, é melhor ler isto, antes de qualquer julgamento crítico, que vem a pág. 291 da citada publicação, e se destina aos Municipios e Comissões de Turismo:

«*Para que o nome da localidade que representam figure no ficheiro do A. T. P., necessário se torna que nos seja devolvido, devidamente preenchido, o Questionário que oportunamente lhe remetemos e em que figurem os elementos de informação nele apontados.*»

Eis tudo!...

O nosso Jornal

INICIARÁ EM BREVE

a publicação, em folhetins, de uma obra interessantíssima

Por penhorante e amável deferência da família do saudoso e inolvidável Vimaranense Dr. Eduardo de Almeida, que foi ilustre Colaborador do nosso jornal, vai o «Notícias de Guimarães» iniciar dentro de breve a publicação de uma obra interessantíssima, intitulada ERA UMA VEZ... (*História de como o Rei Surgakanta — O Bem Amado do Sol — venceu o coração da Princesa Anancaraca — o Vermelho Purpuro do Amor*), segundo a versão de um manuscrito Sânscrito, interpretação em português daquele pranteado Escritor.

Trata-se, realmente, de um conto admirável, que vai por certo despertar a mais viva curiosidade nos nossos leitores.

Portugal visto por um estrangeiro

Pelo Dr. Raymond Rué.

(Especial para o «Notícias de Guimarães»)

II

Como o leitor do «Notícias de Guimarães» pôde constatar no nosso primeiro artigo, percorremos, durante a nossa estadia, uma grande parte de Portugal. Com efeito atravessámos sucessivamente as Beiras Alta e Litoral, o Ribatejo, a Extremadura, o Douro Litoral e o Minho; creio portanto que já possuímos os elementos necessários para ter um juízo objectivo sobre a natureza na bela terra de Portugal. Diz-se que Portugal é «o jardim da Europa à beira-mar», e os Portugueses pensam que vivem num país geogràficamente maravilhoso. Corresponde isso à realidade, tendo em vista as impressões dum estrangeiro? Que coisas atraem o turista? Que surpreende e encanta um viajar francês? Quais são as diferenças entre os nossos dois países no que respeita à natureza, isto é, onde reside a originalidade das belezas de Portugal?

Muita gente pretende que ao passar a fronteira das Beiras, se vê imediatamente que estamos em Portugal, dada a mudança que se nos depara. Fizemos a nossa entrada por Vilar Formoso, e, com a maior franqueza, eu devo confessar que a paisagem não se diferenciou durante largo tempo. A mesma terra árida e seca acompanhou-nos desde Salamanca até a Guarda. Vimos, porém, que estávamos noutro país ao contemplar, do combóio, as primeiras aldeias lusitanas. A brancura deslumbrante das casas contrastava sumamente com o cinzento e o ocre das casas espanholas que deixáramos alguns quilómetros antes. Uma atmosfera de alegria e de asseio desprendia-se destas campestres habitações. Esta impressão reforçou-se mais quando chegamos a Lisboa. As cores das casas constituiram para nós uma verdadeira revelação; o verde e encarnado claros, o azul pálido, o amarelo, a cor de rosa, todas estas cores suaves e acolhedoras não se empregam em França. A escolha, os matizes, a intensidade dos tons formam uma interessante particularidade e os azulejos juntam a este aspecto uma nota pitoresca muito acertada. Além disso as ruas e praças, cuidadosamente conservadas, contribuíam para pôr de realce este estado de limpeza. Por fim, a elegância das construções portuguesas ofereceu-nos outro motivo de admiração, sobretudo se considerarmos as moradias dos arredores das grandes cidades ou das cidades estivais, quer termas, quer praias.

Da cidade passamos à análise da natureza nos campos. As flores servem de transição entre estas duas partes, dado que uma das características desse país privilegiado é que, nele, se encontram flores em toda a parte. Em cada espaço livre das aglomerações, nas encruzilhadas, avenidas, nos largos, surgem jardins públicos que desempenham um papel considerável na ornamentação. Nas estradas, especialmente no Norte, os animais, desenhados com os arbustos que bordam os caminhos, concedem uma admirável distracção aos viajantes, que podem também apreciar os numerosos rosais, gerânios, e outras flores que lhes servem de companhia.

Continua na 2.ª página

Sermões Quaresmais

Pelo P.e Manuel Matos.

II

A crise industrial e a crise da consciência

Está assumindo aspectos aterradores a crise industrial.

E' um facto mais que evidente. A ruina bate à porta de muitas fábricas, levando aos industriais imensas e temíveis perspectivas.

O avanço descontrolado da técnica e a concorrência dos desesperados, estão abrindo «vulcões» na Sociedade actual.

A lava incandescente está queimando as ilusões de tantos... e não só as ilusões, pois leva na sua impetuosa torrente as legítimas aspirações e os sagrados direitos de muitos.

Li e fiquei horrorizado perante a perspectiva que me fornece o panorama.

Com data de 12 de Fevereiro passado vinha nos jornais esta notícia do Entroncamento: E' sabido que, quando os comerciantes se degladiam, «declarando guerra»... de preços para determinada mercadoria, esta sofre logo a consequente baixa.

Todavia, uma guerra de tamanha violência como a desencadeada pelos comerciantes locais de calçado, é que nunca se viu. E, senão, vejamo-la: ùltimamente assentaram aqui arraiais uns vendedores ambulantes a vender sapatos para homem e senhora, a 80 e 60 escudos o par!

Pois daí a dias, um comerciante local da mesma especialidade «rechaçou» essa «ofensiva» com a afixação de grandes letreiros nas suas montras anunciando: «*58$50 a escolher*».

Entrementes, um outro comerciante (mas de um outro bairro da vila), «pulverizou» todos os seus «inimigos» com a afixação na sua vitrina de grandes caracteres dizendo: «a escolher, cada par 20$00» (!!!)

Claro está que, os mais prejudicados desta «guerra» invulgar são... os oficiais de sapateiro, que pouco têm que fazer...

.....

Isto lê-se com horror... E que se passará em Portugal se fizer parte do «Mercado Comum Europeu» invadido por calçado alemão, francês e italiano?...

A defesa da nossa produção impõe-se absolutamente, mas em moldes remuneradores... e sobretudo a defesa dos nossos operários e dos nossos industriais.

E' esta a crise industrial. Não divagamos mais sobre ela, porque queremos transitar para a crise da consciência que ela gera e que é ainda mais grave.

Escrevíamos acima que o avanço descontrolado da técnica e a concorrência dos desesperados estão abrindo «vulcões» na Sociedade actual. E dissemos também que a lava incandescente está queimando as ilusões de tantos... e não só as ilusões, pois leva na sua impetuosa torrente as legítimas aspirações e os sagrados direitos de muitos — e agora acrescentamos — mas também as consciências à anarquia.

E' este um dos mais trágicos efeitos da crise industrial e comercial da actualidade.

Deprava-se a consciência na preparação do fabrico — mau artigo.

Deprava-se a consciência na trafulhice dos negócios e na desleal concorrência.

Deprava-se a consciência, premeditando uma falência, não pagando aos credores...

E uma Sociedade que se alicerça neste ambiente, cava a sua própria ruina, abre «vulcão» e submerge...

Isto quere dizer que, para que a crise da indústria e do comércio possa ser vencida, é urgente reformar as consciências.

E' necessário que o industrial ou o comerciante se convença de

«Lendas e Narrativas Históricas de Guimarães»

Com este sugestivo tema, vai o nosso querido Amigo e ilustre Colaborador, sr. A. L. de Carvalho, realizar, no dia 7, a convite do grupo recreativo «20 Arautos de D. Afonso Henriques» e na sua sede, à rua do Gravador Molarinho, pelas 21,45 horas, uma Conferência que está sendo aguardada com o mais justificado interesse.

GAZETILHA

Tristeza... na Rua da Alegria!

(Reportagem atrasada)

Por ser passado no Porto,
este assunto esta morto
e sobre ele nada diria:
se não causasse estranheza
dar-se o caso de tristeza
na Rua da Alegria...

Eram onze os passageiros,
e cinco os tais parceiros
dum automóvel potente:
que deste burgo abalou
e, logo que ali chegou,
fez assustar muita gente...

Rebentaram os travões,
houve susto, aflições
e algum povo a fugir...
Enquanto que o condutor,
sem um sinal de terror,
dizia assim: — Deixem ir!...

Nessa triste ocasião
alguém sentiu a aflição
dum predio grande... a crescer
para os cinco viajantes
que, em dolorosos instantes,
julgaram que iam morrer...

Mas devido à manobra
que, não duvidem, foi obra
de sangue frio e perícia:
os que ali se assustaram
no Hospital não entraram,
nem sequer meteu Polícia!...

Telefonemas, pedidos...
E dois amigos queridos
foram buscá-los ao Porto...
E apesar da conta, linda,
de serem ***trese****, na vinda,*
ninguém chegou aqui torto...

No entanto, o carro ficou
no Porto e não voltou
desde o terrível momento...
Não ficando muito mal,
inda está num Hospital
a fazer... o tratamento!...

Pelo Repórter:

Ortigão.

---

que tem de pagar aos seus credores...

E, para isso, precisa de lucros convenientes que a desleal concorrência não consente, devendo, portanto, evitar a colocação de mau artigo no mercado.

Quere tudo isto dizer que a par com uma boa consciência profissional tem de existir uma boa consciência moral. Mas não é possível ter boa consciência moral sem obediência a uns certos princípios morais.

E na base destes princípios está aquela lei da harmonia social: Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.

Colidem com este princípio a má mercadoria, a concorrência desleal, a premeditação duma falência...

Mas, paralelamente, colidem, ainda, a ânsia dum enriquecimento fabuloso estribado numa mecanização excessiva, o despedimento dos operários, directos ou indirectos consumidores, vítimas da automatização descontrolada, e, ainda, a manobra das grandes indústrias tendente a abafar a existência das pequenas, favorecida por criminosas cumplicidades.

E' doloroso e é trágico o descalabro que se evidencia na consciência social, alheia aos princípios cristãos, os únicos capazes de regular a convivência entre os povos e de levar o bem-estar a todos os indivíduos.

E a Sociedade é um gigantesco baralho de cartas de jogar, que se está alicerçando naqueles erros...

Esquecido o homem e adorada a máquina, adorada a riqueza e desprezada a fome, cerrados os ouvidos aos lânguidos gemidos de tantos que querem pão... que esperar?

Responda a consciência de cada um.

Só temos a dizer, para concluir, que, se os homens, para resolverem a crise industrial que tanto os aflige, suam e tressuam na elaboração de planos de fomento, não podem descurar os problemas da consciência de cuja solução depende a boa harmonia social.

E isto significa que urge despertar na consciência do indivíduo o dever de respeitar o princípio em que aquela se apoia:

Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.

Pràticamente quere dizer isto: Boa mercadoria, concorrência leal, prontidão nos pagamentos; limitação dos lucros ao legítimo e razoável, olhar benevolente pelos que vivem do trabalho e só nele têm a fonte da vida, harmonia entre a pequena e a grande indústria, consciência profissional e moral.

E termino este sermão com as palavras de Jesus: Que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua alma?

Não te parece, leitor, que ninguém pensa nisto?

Pensa tu e salvar-te-ás.

Assinai o NOTÍCIAS de GUIMARÃES

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Depois de passada a quadra do Carnaval, transformada em cinzas do passado, encontramo-nos na quadra litúrgica da Quaresma destinada a meditação e a penitência, uma e outra muito necessárias àquelas pessoas pouco cuidadosas com a limpeza da consciência, algumas das quais precisam de a submeter a uma *barrela* em alta dose para desaparecer da mesma toda a *sugidade* que a torna manchada com a falta da dignidade hamana.

Infelizmente, nos tempos que correm, verifica-se que o mundo atravessa uma crise profunda sob esse aspecto, tantos são os casos que afectam a pureza da consciência, mesmo por parte de pessoas que deveriam ser as primeiras a condenar essa crise e a procurar debelá-la. Por isso, que, pelo menos, algumas dessas pessoas aproveitem o significado da época quaresmal para dele tirarem o arrependimento que as poderá regenerar.

E' certo que todos temos faltas e defeitos, mas o defeito da falta de consciência é dos mais irreverentes e dos mais perniciosos, porque, aliada a ele, anda a falta de caridade, a falta de escrúpulo, etc. Falta de caridade, por haver quem negue o seu concurso para combater a miséria, enquanto, por outro lado, aparece quem compre um carneiro por **60 contos**, como se vê pelo conteúdo da seguinte notícia:

«Um carneiro vendido por 60 contos

Buenos Aires — Um carneiro Lincoln, apresentado por Ismael Lopez, da cidade de Aycucho, foi vendido por 76 000 pesos (cerca de 60 800$00) durante a exposição e venda anual de carneiros Lincoln em Oavarria, província de Buenos Aires.

E' o preço mais elevado que foi obtido até hoje na Argentina. — R»

Falta de escrúpulo, como, por exemplo, um marido vender a esposa por 700$00, não obstante tanto se apregoor o grau de civilização do século das luzes, aquele em que vivemos.

Para confirmar esta afirmação, transcrevo a notícia que segue:

«Vendeu a mulher por 700$00

Taipé — Um homem de 49 anos foi processado, por seu sogro, por ter vendido a mulher a um agricultor por 25 dólares americanos (700$00) e foi ao ponto de a levar a um notário para a casar com o comprador. — R.»

Embora estes factos não tenham ocorrido no nosso país, é, porém, de lamentar a circunstância da imprensa os registar, visto que nada mais nos revelam do que a existência de *destemperos* em qualquer dos casos. Mas como o mundo caminha em direcções nìtidamente descontroladas, como descontrolados andam os sucessos dos foguetões, parece que não será de estranhar se esse descontrole ainda se tornar maior.

A respeito de foguetões, li, há dias, os seguintes versos da autoria do sr. Abel Moreno, ilustre coborador dum Diário da Capital:

«Chuva de foguetões

Começa a ser caso sério
O caso dos foguetões
Lançados já sem critério
Através do espaço etéreo
Aos montes, aos vagalhões.

Já não são nem dois nem três...
E' uma perfeita pletora!
E dentro em pouco, talvez,
Se não há qualquer revés,
São de meia em meia hora.

A continuar este andaço
Eu penso que qualquer dia
O céu vai tornar-se escasso
E deixa de haver espaço
P'ra tanta pirotecnia.

A América, essa não pára
E em produzi-los capricha,
Após uns, outros dispara
E a gente até nem repara
Que ela os faz seguir em bicha!

Por isso andam já dizendo
Co'uma certa irreverência
Por tudo que se está vendo
Que a América está sofrendo
De uma grande incontinência...»

Desculpe, minha Senhora, esta *mistura de alhos com bugalhos*, mas sempre tenho ouvido dizer que é na variedade que se encontra a beleza.

De resto, como não estamos habituados a viver num mundo actualizado, aguardemos que ele se actualize e confiemos na profecia daquelas desoladas irmãs gémeas, lamentado a sua sorte: «Tempos virão em que às voltas e reviravoltas do mundo se há-de seguir o despontar da felicidade para quem tiver sido oprimido pela adversidade».

Trata-se, de facto, duma profecia optimista, mas o que é certo é que nem tudo que luz é ouro. No entanto, oxalá que a hnmanidade sofredora chegue a gozar essa felicidade.

Marçoo de 1958. De V. Ex.ª cd.º ven.or e obg.º X.

Portugal

visto por um estrangeiro

Continuação da 1.ª página

Mas é tempo de considerar os atractivos da natureza. Claro está que Portugal encerra belezas tão grandes como diversas e que são aptas para criar as emoções estéticas mais profundas. Os castelos e as matas de Sintra e Bussaco, a serra da Arrábida, a região de Mira e todo o Norte são maravilhas que é permitido agregar às sete maravilhas do mundo. Mas cada nação tem deste modo tesouros de formosura e, por isso, desejo falar do que, no meu espírito, compõe para o turista o encanto mais fascinante por ser o mais típico. O que nos assombrou primeiro foi a configuração do terreno. Sempre há uma altura de onde se pode gozar um panorama excepcional. O número desses pontos elevados e a beleza do quadro que oferecem, fazem imaginar que alguma fada tocou Portugal com a varinha de condão. Escrevendo isso estou a lembrar-me do castelo de São Jorge, em Lisboa, dos castelos de Sintra e de Palmela, das Portas do Sol, em Santarém, da serra da Boa Viagem, na Figueira da Foz, do miradouro de Judas, perto de Aveiro, do castelo de Vila da Feira, da torre dos Clérigos e de Miragaia, no Porto, da serra do Gerez, do Sameiro e do Bom Jesus, em Braga e sobretudo da Penha de Guimarães e da basílica de Santa Luzia, em Viana do Castelo. O leitor conhece mais do que eu o panorama que proporciona a deliciosa Penha e não me atreverei a descrevê-lo. Só quisera dizer que é um dos mais lindos espectácuios naturais de Portugal. Viana, desde o alto da sua colina, apresenta um conjunto admirável em que as cores se harmonizam perfeitamente e formam uma paleta sem igual: desde o oeste até ao leste, o azul do mar, o branco das ondas, o amarelo das praias, o verde azulinho do rio, o branco das paredes e o vermelho dos tetos, o verde claro dos prados, o verde escuro das matas, o ocre dos campos e o violáceo dos montes nos longes, opõem-se e completam-se. A delicadeza destas cores combina-se com a majestade das serras e do mar para mergulhar o espectador num meditabudo êxtase.

O castelo de Palmela permitiu-nos contemplar a magnífica planície que chega até ao rio Sado e, ao mesmo tempo, fez-nos admirar o segundo ponto particular que nos causou esta surpresa: a grandeza dos estuários. Visto desde a praça do Comércio, ou desde o castelo de São Jorge, o estuário do Tejo parece ser o Oceano Atlântico. Bem se compreende por que lhe foi dado o nome de «Mar de palha». A sua extensão, o número e o tamanho dos barcos fazem pensar realmente no mar. O estuário do Sado é, creio, ainda maior. O seu azul único, o sossego das suas ondas, a sua imensidade possuem um extraordinário poder poético. A sua largura impôs ao turista, que eu era, um silencioso e admirativo respeito.

Por fim, eu tenho que proclamar que Portugal fica para mim como a «floresta da Europa». A importância das suas matas é um elemento fundamental da sua beleza. Não falo sòmente das «matas nacionais», mas também dos bosques que se encontram ao longo das estradas. As matas de Sintra e do Bussaco são as mais finas destas jóias. Ao prazer dos olhos junta-se o prazer do olfacto: o cheiro misturado dos pinheiros e dos eucaliptos é incomparável.

Assim é que as cores e a limpeza, por uma parte, as flores, os panoramas, os estuários e as matas, por outra, foram o que mais nos agradou. Mas este é um ponto de vista pessoal. A natureza, em Portugal, é tão rica e tão diversa que saberá satisfazer todos os visitantes, mesmo que estes sejam muito exigentes ou que os seus gostos sejam inteiramente diferentes dos meus. Por isso Portugal pode ser considerado como um autêntico paraíso para os amantes da natureza.

Nomeação

O sr. Ministro da Educação Nacional nomeou, mediante o despacho do Director Geral do Ensino Técnico e por indicação do respectivo Conselho Escolar da nossa Escola Comercial e Industrial, professora de lavores do mesmo estabelecimento de ensino, a que concorreu, a sr.ª D. Maria Carolina de Jesus Silva Leal, que possui o Curso de Formação Feminina e o Curso de Especialização de Modista, nos quais obteve honrosa classificação.

A nomeada, a quem felicitamos, tomou há dias posse do seu cargo.

Conde de Arnoso

Continuação da 1.ª página

mento, que aliás se verificou já há cerca de 2 anos.

E' bom notar que nesta homenagem ao Conde de Arnoso não anda uma ideia política, porque essa se existiu já vai longe e só poderia ser lembrada pelos homens do seu tempo, que são já raros, infelizmente.

Nós, vimaranenses do presente, apenas queremos evocar a personalidade de Bernardo Pinheiro Correia de Melo — Conde de Arnoso — como figura de prestígio e de alto valor intelectual, como já o afirmamos, pertencendo por isso à pléiade de varões ilustres, nados e criados em Guimarães, e que para sempre honraram e dignificaram a sua Terra natal e a Pátria a que todos nos orgulhamos de pertencer.

N. da R.

O nosso saudoso Colaborador e Amigo, Dr. Eduardo de Almeida, ilustre Escritor vimaranense, havia dado a sua adesão à projectada homenagem ao Conde de Arnoso.

Vida Rotária

No decorrer da reunião de quarta-feira do Rotary Clube de Guimarães, foram tratados diversos assuntos de interesse, trocando-se impressões quanto ao movimento de permuta da juventude. Presidiu o sr. Antonino Dias de Castro.

O expediente foi lido pelo secretário, sr. eng.º Helder Rocha, depois de o presidente ter declarado aberta a sessão.

O sr. dr. João Mota Prego de Faria apresentou algumas curiosas actualidades, após o que usaram da palavra os srs. Albano M. Coelho de Lima e Armindo Diniz Corais.

Procedeu-se à quete habitual, que rendeu 85$00.

Ficou estabelecido que a reunião do dia 12 de Março próximo seja destinada à eleição da nova direcção para o ano rotário de 1958-59.

Ritmo Louco

A fim de premiar condignamente os voncedores do IX Campeonato Concelhio de Tenis de Mesa, vai a Direcção deste Grupo realizar no próximo dia 5 de Março, pelas 21,30 horas, no salão de festas do Restaurante Jordão, uma sessão solene para distribuição dos prémios respectivos. Nesta sessão usará da palavra o distinto jornalista e orientador técnico do Vitória Sport Club, sr. Fernando Vaz, que dissertará sobre — «O Desporto na valorização social do homem».

Reguidamente terá lugar um animado acto de variedades, por elementos deste Grnpo Musical. m

Interesses de Ronfe

Na última reunião do Conselho Municipal, o nosso prezado amigo sr. Mário de Sousa Meneses, usando da palavra antes da ordem do dia, pediu a atenção da Câmara Municipal para as necessidades mais urgentes da freguesia de Ronfe, uma das freguesias rurais mais importantes deste concelho e cujos habitantes anseiam a realização de alguns melhoramentos sem os quais se vêem privados das comodidades a que se julgam com direito, citando os que requerem mais rápida solução.

Em resposta, o sr. Presidente declarou que a freguesia de Ronfe não está esquecida, que já teve a oportunidade de a visitar e que dentro em breve, depois de solucionados uns pequenos pormenores, a Câmara procurará, dentro do possível, atender as aspirações dos seus habitantes!

Regozijamo-nos com a oportuna intervenção do Conselheiro sr. Mário Meneses acerca do progresso daquela laboriosa freguesia, que bem o merece, e igualmente nos regozijamos com a resposta do sr. Presidente da Câmara, de quem outra coisa não era de esperar.

De facto, trata-se duma freguesia que não pede mais do que aquilo que lhe faz mais falta para acompanhar o rítmo do ressurgimento nacional.

Bombeiros Voluntários

Deve realizar-se no dia 19 de Março o baptismo do novo pronto Socorro de navoeiro, cerimónia a que se procura imprimir todo o brilho.

Para esse fim esteve no Porto, na 6.ª-feira, a Direcção da Associação H. dos B. V. de Guimarães que foi convidar o sr. Coronel Serafim de Novais, Impector da Zona norte, a assistir ao acto.

Compra-se Prédio no Centro da Cidade até 180.000$00 — Urgente.
Nesta Redacção se informa. 154

Pelo Teatro

A Companhia RAFAEL DE OLIVEIRA

teve uma semana de êxito

A aplaudida Companhia Rafael de Oliveira que está a trabalhar, nesta cidade, num ambiente de grande simpatia do público que muito aprecia os seus trabalhos, teve uma semana de sucesso, com a apresentação das peças: ***Amor de Perdição***, do imortal Camilo Castelo Branco; ***Deus lhe pague***, do mais discutido autor brasileiro, Joracy Camargo, e ***A Cadeira da Verdade***, do consagrado dramaturgo dr. Ramada Curto.

Com a casa quase repleta no primeiro dia, completamente cheia no segundo e com bastante assistência no terceiro, a Companhia exibiu-se em três notáveis obras que mereceram, e muito justamente, as ovações da plateia.

O desempenho do ***Amor de Perdição***, por parte de todos os que tomaram parte na representação, foi de moldé a merecer elogios. Destacaram-se, porém, Rafael de Oliveira em «João da Cruz»; Lizete Frias, em «Mariana»; e Gizela de Oliveira, em «Teresa».

Deus lhe pague agradou-nos em cheio. Já conheciamos a obra pela sua leitura; nunca, porém, haviamos assistido à representação. Mas cremos que não pode representar-se melhor. O diálogo entre «um mendigo» (Fernando de Oliveira) e «outro mendigo» (Fernando Frias), no decorrer de quase toda a peça; aquela cena do 2.º quadro, que leva «Maria» (Gizela de Oliveira) à loucura; e tudo o mais que se aprecia neste trabalho cheio de realismo e de verdade, que o autor escreveu baseado em conceitos filosóficos, constituiu um verdadeiro sucesso.

A Companhia actuou, nesse dia, sem o auxílio do ponto e a encenação foi feita por maneira a que a mudança dos quadros se fazia com pequeníssimas interrupções.

Quere-nos parecer que não haverá quem melhor possa apresentar ou representar a grande peça que nos mostra, com tão alta expressão filosófica, factos da mais pura realidade.

A Cadeira da Verdade, levada à cena na quarta-feira, confirmou em absoluto os altos dotes do autor e teve, por parte da Companhia, magistral desempenho, agradando por isso em absoluto.

Companhia do Teatro Avenida

Esta Companhia, de que fazem parte Madalena Sotto, Maria Domingas, Fernanda de Sousa, Maria Candal, Clarisse Belo e Artur Semedo, apresentou no Teatro Jordão, na 6.ª-feira, a farsa de Eduardo Damas — ***Mas que escândalo!...***, que despertou hilariedade no público. A assistência era regular.

Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

Reparação de instalação electrica

Aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada, até às 16 horas do dia 5 do próximo mês de Março, para a reparação da instalação eléctrica dos prédios desta Caixa, sitos em Guimarães nas Ruas Dr. João Antunes Guimarães n.º 1 e Conde Arnoso n.ºs 1, 2 e 3, e na Praceta Guilherme de Faria n.ºs 1 e 2, em conformidade com as condições fixadas pela Direcção da Fiscalização Eléctrica do Norte e patentes na sede desta Instituição, à Rua Miguel Bombarda, 347, Porto, e na sua delegação naquela cidade, sita à Avenida Cónego Gaspar Estaço G.

Na proposta a apresentar deverá estar incluído o encargo com o serviço de construção civil que venha a ser necessário para o bom acabamento da empreitada, e indicado o prazo para a execução das referidas reparações.

O pagamento do respectivo encargo será efectuado após a aprovação das reparações por parte da Direcção de Fiscalização Eléctrica do Norte.

Porto, 24 de Fevereiro de 1958.

A Direcção. 129

NO DIA DE ANOS o Dominguinhos deu um passeio que não esquece...

O Dominguinhos fez anos na quinta-feira. E logo no dia em que fazia anos, teve uma ideia bizarra — se é que na cabeça do Dominguinhos já podem caber ideias, bizarras ou não. Com ideia ou sem ela, a verdade é que, por volta das 4 horas da tarde, o menino desapareceu da casa de seus pais — Manuel Lopes de Freitas e Maria Isaura Carneiro, do lugar da Carreira, freguesia de Mesão Frio (Guimarães). E' claro que, ao princípio da ausência, ninguém pensava — credo! — em desaparecimento. O Domingos saira, certamente, num passeio de rotina. E a rotina dele não podia ser larga...

Assim se pensava, sem apreensões, enquanto o tempo ia passando. Bateram as 5 horas, vinham as 6 no caminho, daí a um pulo era noite... E então, o sobressalto apoderou-se dos pais. «Deus do céu! Onde se teria metido o menino!... Domiingos! O' Dominguinhos!...».

A mãe chamou, chamou o pai. Chamaram até ficar roucos. Espreitaram por todos os recantos nas proximidades da casa. Perguntaram, ansiosos, a todos os vizinhos, a todas as pessoas com quem toparam: «Não viram por aí o nosso Domingos?!».

Não. Ninguém tinha visto o Domingos deles. Deu-lhes um nó no peito. Era o desespero, o desnorteamento. E se?... Um poço mais perto, um combro mais alto vinha-lhes à ideia, ao mesmo tempo que sentiam arrepios de angústia.

Os vizinhos, solidários na aflição dos pais, juntaram-se a eles, numa batida a todas as redondezas. Já a noite tinha caído há muito, fria e escura — mais escura e mais fria que nenhuma.

A busca porfiava, sem descanso. Só, de onde em onde, se suspendia a passada, ouvidos à escuta. Parecia-lhes terem ouvido um choro, um gemido, nm grito do menino. Mas a ilusão abafava-se em silêncio.

Oito horas da noite — «Domiingos! O' meu filho, onde estás?!» — oito horas da noite e nem vislumbres do Domingos. Persistia-se em procurá-lo, sem desânimo. Mas de o encontrar vivo poucos teriam alguma esperança, a começar pelos pais angustiados e a acabar pelos amigos que solicitamente os encorajavam com palavras de conforto e de optimismo que neles próprios tocavam falso.

Assim iam trepando o monte de Santo Antonino, já a uns quatro ou cinco quilómetros do lugar. Dir-se-ia uma patrulha de loucos, em ronda, sem objectivo! Quem podia acreditar que o pequeno enfiasse para tão longe — e para ali?

Nove horas da noite. Os batedores chegaram ao alto, à beira da capelinha também de Santo Antonino. De repente, suspenderam-se de novo os passos, de novo os ouvidos à escuta. Mais outra ilusão, decerto. «Domiingos!...» — gritou a mãe, quase num estertor.

E pareceu um milagre! Uma voz respondeu ao chamado! Uma voz infantil, natural, despreocupada — conhecida! Era mesmo o Domingos que respondia, de dentro da capela!

Correram os pais. Correram todos, transformados de júbilo. E depararam com o menino. Estava sòzinho, calmo, quase satisfeito... desconcertante. Faltou-lhe estar entre os «Doutores das Leis», para se arremedar a cena do «Menino Jesus no templo»...

A «ronda do calvário» regressou em «procissão de triunfo», em que o Dominguinhos figurava de andor — com os seus dois anos bem assinalados!...

Teatro Desmontável

A Companhia Rafael de Oliveira, apresenta:

Hoje, domingo, 2
A super-peça em 8 quadros, extraída do romance de *D'ennery*
AS DUAS ORFÃS

Segunda-feira, 3
Para satisfazer pedidos, em reprise, a grandiosa peça de *Fernando Santos, Almeida Amaral e Leitão de Barros*
PRÉMIO NOBEL

Quarta-feira, 5
A famosa peça de *George Sand*
O Marquês de Villemer

Sexta-feira, 7
A magistral peça, original de *Rui Correia Leite*
R A Ç A

Brevemente
A grandiosa peça
FREI LUÍS DE SOUSA

Leitor, será o cego um infeliz?

PENSANDO E APELANDO

O estudo que hoje tentarei fazer nestas colunas, há muito que devia ter sido esboçado e apresentado, já que de certo modo poderá influir em ideologias mal formadas, porventura concebidas mais pelo supérfluo que pela reflexão, já que são muitas e da mais variada índole essas mesmas ideologias.

As revistas em Braille por toda a parte publicadas, cujo programa geralmente consiste em nada perder com a actualidade, em interessar o cego pela cultura do espírito e em contribuir tão eficazmente quanto possível para a boa estruturação duma consciência colectiva, frequentemente abordam o problema, porque ele embora ao primeiro exame pareça só ter que apresentar-se à mentalidade dos videntes, infelizmente precisa também de ser posto à consideração dos privados de vista, tal é o conceito infundado que muitos formam de si mesmo.

Na verdade, ouvem-se por aí tantos cegos, não só os que por uma das muitas razões já apontadas e que não é preciso recordar hoje, exercem mendicância, mas muito especialmente estes, falando na sua insuficiência visual e chamando-lhe «a minha infelicidade», que o vidente criou à volta deles um ambiente de comiseração, sem saber se tal ambiente é lógico e sem se preocupar por não saber.

Mesmo tendo em conta a boa vontade do leitor, o interesse e às vezes a paciência com que acolheu os meus modestos mas *pretensiosos* artigos já publicados neste querido semanário, pressinto a objecção que poderá fazer-se-me, a qual compreendo e aceito como coisa naturalíssima e bem intencionada: «Pois então se o cego, ele que melhor do que ninguém, sabe da sua vida, se declara infeliz não será da ética dar-lhe crédito e negá-lo às insinuações alheias em contrário, mesmo que sejam lançadas ou apoiadas por pessoas mais ou menos integradas no complexo do problema tiflo-psíquico?».

Não, caro leitor. Por mais duro que lhe pareça, por mais desumano que a sua consciência julgue isso, por mais que a sua sensibilidade o acuse, não deve dar incondicionalmente ouvidos a esses seres, homens inconscientes do que é ter personalidade e responsabilidade na vida; deve sim, com boa fé e espírito isento de paixões, ouvir também as ideias em contrário que por toda a parte se levantam, analisá-las à luz da sua cultura que não precisa ser muita para neste caso distinguir o que é mais claro e bem definido, opô-las às que eu tenho como infundadas e proclamar, por onde quer que passe, a conclusão a que chegou.

Deverá também, e muito especialmente o entendo eu, a bem duma melhor sociedade, ciente dos elementos que por direito a integram e nela deviam ter o seu lugar, opor a sua tese, assim imparcialmente formada, aos próprios cegos, para que eles abram os olhos do seu raciocínio e vejam o quanto é inexistente, se não diante duns poucos, pelo menos ante a realidade, o mal de que tão lastimosamente se queixam.

Sim, leitor amigo, por algum sacrifício que isso lhe peça, fale com os cegos, discuta com eles, porque eles, homens de um entendimento como o seu, como o seu capaz de pensar, de medir e reflectir, não sabem, e precisam sabê-lo, o que é afinal felicidade ou infelicidade.

Na definição exacta dos dois termos em oposto, muito especialmente o primeiro por ser o que mais nos agrada e intriga, empenham-se os homens pelo menos há 25 ou 30 séculos, pois já na Grécia Antiga, a começar por Aristóteles, quiçá o maior dos sábios helénicos, grandes filósofos e eminentes pensadores se detinham na complexidade do problema. Para a maioria das pessoas, entretanto, numa designação que a lógica não aprova e a reflexão também não, a felicidade, esse substantivozinho abstracto que tanto se deseja, parece ser a efectivação imediata e integral de todos os desejos e tendências humanas.

Mesmo admitindo a possibilidade não existente de se efectivarem todos os desejos e tendências humanas, ficaria ainda por demonstrar, como aliás hoje acontece, que isso constitui a verdadeira felicidade, na exacta acepção da palavra. Felicidade haverá certamente, mas é mais para além, num ponto mais alto, mais sublime, que o nosso espírito endurecido em excesso pelo materialismo sempre à vista, pelas competições egoístas, pelo *salve-se quem puder* dos nossos dias, quase já não logra alcançar. Agora felicidade terrena, por mais dura que nos pareça tal verdade, essa felicidade materialista, que satisfaça a um tempo as necessidades de corpo e espírito, não existe.

No célebre auto de Gil Vicente, a Alma roga o auxílio do Anjo da Guarda nestes termos:

Anjo, que sois minha guarda,
Olhai por minha fraqueza
Terreal.

E o Anjo responde:

Caminha sem temer nada
para a glória.
E nos laços infernais,
E nas redes de tristura
Tenebrosas,
Da carreira que passais
Não caiais.

No mesmo auto explica o Anjo como pode a Alma alcançar a felicidade:

Vosso livre alvedrio
Isento, forro, poderoso,
Vos é dado
Pelo divinal poderio
E senhorio,
Que possais fazer glorioso
Vosso estado.
Deu-vos livre entendimento,
E vontade libertada.

Assim, para alcançarmos isso a que se poderá chamar felicidade, concedeu-nos a Providência livre-arbítrio, pois só desta forma poremos em acção a nossa vontade e estará nas nossas mãos orientá-la segundo as virtudes ou desvirtudes que na alma tenhamos.

Não é, pois, a felicidade de que muitos gozam neste mundo bem que se lhes legou como uma herança, não caiu do céu propositadamente para eles, nem terá tão-pouco duração ilimitada. Ela depende da sua vontade activa, filha duma experiência que tem muito mais a ver com o entendimento que com os sentidos.

Experimentar é sobretudo reflectir e, por tal motivo, cada um de nós, dentro da experiência de certo modo condicionada pelas próprias necessidades, se quer a felicidade, deve a toda a hora, por cima de tristezas e alegrias que são na vida acidentes comuns, saber reflectir e procurar alcançá-la.

Mas em cada acto desses homens a quem a felicidade bafeja há sempre — e nos nossos terá de haver também — o sacrifício duma parte deles mesmos: o sacrifício exactamente do que neles são os «laços infernais», isto é, os instintos, os desejos sensuais, os apetites de momento, os caprichos, as ilusões dos sentidos.

Postas as coisas nos seus devidos lugares, ainda que um tanto desajeitadamente e com a possibilidade de faltar-lhes este ou aquele ponto importante que me tivesse esquecido de fazer realçar, chegados à conclusão de que a felicidade se encontra na disciplina, na ordem e na harmonia da vontade activa, resta perguntar: o cego, esse homem a quem falta um sentido, um desses «laços infernais» lembrados no auto célebre de Gil Vicente, será infeliz por causa disso?

Seria absurdo dizer que sim, mas seria forte fechar este artigo com um não, deixando em claro mais duas ou três considerações que precisam ser feitas.

A minha experiência pessoal e os ensinamentos colhidos em contacto com indivíduos que a falta de vista atingiu nas mais diversas idades, demonstrou-me não ser a cegueira em si causa de infortúnio, mas fez-me compreender o quanto é penosa a viagem dum para outro estado e o quanto é terrível a ideia no seu início.

Uma carta do fecundo romancista português Camilo Castelo Branco, escrita já no fim da sua vida, quando a cegueira total o envolvia e desesperava, ao Dr. Sousa Martins, hoje na posse do Sr. Dr. Eugénio Macbride e publicada há tempos no *Diário de Lisboa*, veio ainda confirmar-me este pensamento já de si bem radicado.

Camilo Castelo Branco deixou-se cair nas «redes de tristura tenebrosa» e foi vencido pelo suicídio em que só viu a marca da desgraça e a imposição do destino à sua vida. O seu exemplo, porém, não pode servir de modelo para os que cegarem em idade avançada, se nos lembrarmos de tantos e tantos que perderam a vista e fazem a vida integral de antanho.

Há outra espécie de infelicidade — evidentemente não dando significado exacto à palavra, como aliás se não deu ao seu antónimo — que lança nas «redes de tristura tenebrosa» a quase todos os cegos: é a incompreensão do público em geral que lhe presta cuidados humilhantes e, mais do que isso, a toda a hora lhe dirige lastimações doentias, tão destituídas de fundamento como de finalidade prática. Mas, como o mal vem dos videntes, é a estes que compete acabar com ele, embora aqui e ali seja necessária a colaboração do cego, reclamando o seu direito à vida íntegra e explicando de forma que se compreenda porque a cegueira em si não traz a sua infelicidade.

E há, finalmente, os que, sendo cegos, falam da sua infelicidade. Uns, por crua ignorância que é preciso combater inteligentemente; outros, por obediência a ordens de familiares ou exploradores, que vêem no «ceguinho» a possibilidade de chegarem ao fim do dia com mais alguns cobres; e outros, porque nisso descobriram um modo de ganhar melhor a sua vida.

Abstenho-me de emitir um juízo sobre a razão e sem-razão dos segundo e terceiro casos aqui apresentados, porque um me suscitaria palavras muito ásperas e o outro me faria levar bastante longe estas considerações finais. Deixo pois tais julgamentos à consciência do leitor amigo.

JOSÉ ANTÓNIO
Lage Salgado Baptista.

Trabalhos Artísticos

de António Lino

na Galeria do «Diário de Notícias»

Inaugurou-se na Galeria do *Diário de Notícias*, ao Chiado, em Lisboa, uma exposição de alguns trabalhos do pintor António Lino, artista que há já bastantes anos documenta a sua actividade em várias exposições efectuadas no País, no ultramar e no estrangeiro e afirmada noutros trabalhos de ilustrador, de pintor mural, de vitralista e de gravador. A exposição consta de trinta trabalhos em que, em sínteses pictóricas dadas em sugestões de intercessionismos e em paisagens urbanas bem manchadas, o pintor transmite aos visitantes as suas impressões estéticas de vários burgos nossos e alheios.

As manchas de Bolonha, Viterbo, Nápoles, Siena e Verona contrapõem-se as sugestões de Moma, Agrigento, Veneza e Taormina, onde o visitante descobre ora uma colunata, ora as bancadas de um anfiteatro, ora qualquer outro monumento representativo dessas cidades. Tal processo é usado na composição do Porto, onde fàcilmente se encontra uma expressão da estrutura da ponte. Lisboa está representada em quatro pinturas, onde serviram de marca típica os planos angulares dos telhados. António Lino viu a sua exposição curiosamente visitada logo no momento da sua abertura.

Portugueses no Brasil

Uma nova iniciativa da Casa de Portugal

A Casa de Portugal é entre as modernas instituições portuguesas do Rio de Janeiro, uma das de mais larga folha de serviços aos portugueses e aos brasileiros e uma das de maior prestígio das que, antigas ou modernas, se votaram ao serviço das duas Pátrias e da Comunidade luso-brasileira, portanto.

Bastariam a sua escola primária Nun'Álvares e o seu Hospital Gomes Lopes para a Casa de Portugal bem merecer da gratidão luso-brasileira.

Mas os seus dirigentes não cansam nunca no exercício da sua tarefa benemerente, todos os dias ampliada e acrisolada pela devoção dos que a conduzem, prosseguindo na obra admirável de ensino e de assistência a que o Com. José Gomes Lopes e sua esposa deram o grande impulso inicial.

Com uma direcção de devotados portugueses à frente dos quais é justo distinguir Horácio Gomes Salvador, Ildefonso Leitão e Alamiro Andrade, a Casa de Portugal resolveu publicar um *Boletim* de que saíram já dois números que bem podem incluir-se entre as publicações mais patrióticas e úteis dos portugueses no Brasil.

Não só o espírito da solidariedade entre os componentes do quadro social é inteligentemente exaltado mas os laços que ligam os portugueses do Brasil à Pátria-Mãe encontram no *Boletim* palavras de compreensiva consagração que se ampliam às boas relações dos portugueses com a Pátria de adopção.

Nas suas 32 páginas, em óptimo papel e bem ilustradas, o *Boletim* constitui, assim, mais uma bela acção da Casa de Portugal a valorizar o seu grande activo de benemerência.

Em 31 de Dezembro último os sócios da Casa de Portugal eram 46.479, assim distribuídos: Remidos, 4.712; Protectores, 497; Contribuintes, 876; e Beneficiários, 376.

Os grandes beneméritos, beneméritos, grandes benfeitores, benfeitores, fundadores e honorários eram 55.

A paixão patriótica, o amor de Portugal e do Brasil e o sentido do interesse comum das duas pátrias que inspiram os dirigentes da Casa de Portugal, e que pelo seu *Boletim* se exprimem de modo eloquente, vão encontrar entre os nossos do Brasil e os brasileiros e entre os que desejam ver a Comunidade luso-brasileira elevada ao seu máximo prestígio cultural e político, o melhor acolhimento.

Daqui saudamos a Casa de Portugal em cujo quadro de realizações estimaremos ver a de um liceu oficial português que é, neste momento, sua preocupação e aspiração justíssima dos que a dirigem.

Câmara Municipal de Guimarães

Sessão de 26 de Fevereiro de 1958

A Câmara, sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

— Conceder um subsídio de 9.000$ à Junta de Freguesia de Prazins, Santo Tirso, para aquisição do terreno destinado à construção do edifício escolar daquela localidade, tendo aquela Junta comparticipado com a importância de 3.000$ para o mesmo fim;

— Mandar elaborar o anteplano parcial de urbanização da zona situada a poente dos terrenos para o Quartel do Regimento de Cavalaria n.º 6, encarregando desse estudo o Urbanista da cidade de Guimarães, Arquitecto David Moreira da Silva;

— Abrir concurso público para a obra de esgotos da Rua Joaquim de Meira;

— Autorizar o arrendatário do talho n.º 4 da Praça do Mercado a proceder à instalação de uma câmara frigorífica nas condições propostas;

— Adquirir diverso mobiliário e material didáctico para o edifício escolar do Plano dos Centenários da freguesia de Moreira de Cónegos, no total de 4.948$00;

— Tomar conhecimento do movimento do Lactário Municipal durante o mês de Janeiro findo;

— Sancionar os despachos do Ex.mo Presidente que concederam licenças para obras a: Eugénio Leite Bastos, Manuel de Jesus, Fausto do Bal, José Ribeiro de Castro, Abílio Guimarães, Manuel António de Faria, António Vitorino de Sousa, D. Maria Manuela Folhadela de Melo da Costa Guimarães, Joaquim Alves, António Ferreira Guimarães e Jerónimo Marques;

— Conceder licenças para obras a: Fernando Ribeiro e Empresa Industrial do Pevidém, Ltd.ª;

— Enviar ao Subdelegado de Saúde, a fim de ser efectuada a competente vistoria, o processo de licenciamento sanitário em que é requerente Silvino Alves de Sousa, para abertura de uma Taberna na Rua Francisco Agra, desta cidade;

— Conceder licença de habitação para o prédio que Joaquim Teixeira construiu na Bouça do Senhor, em Urgezes;

— Conceder licença de habitação para 50 moradias que o Senhor Comendador Alberto Pimanta Machado mandou construir no lugar do Monte do Rato, da freguesia de Azurém, e não conceder a mesma licença para uma moradia construída no mesmo local em virtude da obra ter sido executada em desacordo com o projecto aprovado no que respeita a uma das fachadas, pelo que deverá ser apresentado aditamento das alterações introduzidas;

— Autorizar pagamentos no montante de 377.614$40.

Do Concelho

A água que cai em S. Torcato, vai chegando, mas não convence

A água que agora cai nos tanques do Mosteiro, onde o povo daquele lugar se abastece — *e sempre se abasteceu* — para já, vai chegando, mas não convence. E não convence porque, com a aproximação da Primavera e do Estio, o povo receia que ela volte de novo a faltar, porque até hoje ainda não foi reparada nem limpa a canalização e pelo que afirmou um mesário, a Irmandade não está com a disposição de a mandar reparar e limpar nem consentir que o façam.

Sendo assim, estamos apreensivos com a perspectiva de futuras dificuldades no abastecimento de água ao público deste lugar e até dos próprios romeiros ou simples visitantes que na época estival costumam visitar S. Torcato. Ora, se a Irmandade não manda reparar a canalização, preferindo deixar perder a água, que sai em grande quantidade pela caixa que fica situada no monte ao lado da Capela da Aparição (Fonte do Santo), só por capricho ou má vontade o pode fazer, e outro motivo não vejo, senão este.

Não será falta de caridade, deixar perder num ribeiro, a água que podia ser útil ao povo?

Consta que Sua Ex.ª o Sr. Presidente da Câmara Municipal ofereceu generosamente todo o auxílio material e até do pessoal técnico da Câmara para reparar e limpar a canalização referida, para que a Irmandade não dispendesse dum único centavo, mas a Irmandade recusou, prometendo, no entanto, mandar fazer o arranjo, o que até hoje não se verificou.

Estas atitudes em nada dignificam as pessoas e até — na minha pobre maneira de ver — é bem contrária à *verdadeira doutrina e lei de Deus*, que supera a lei dos homens.

A quem de direito, pois, e que possa intervir neste melindroso assunto, eu chamo a atenção, pedindo providências, em especial a Sua Ex.ª o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz. Oxalá o povo, mais uma vez, os tenha que louvar e bendizer. S. Torcato nos valha!...

S. Torcato, 23-2-58.

Armindo Ferreira da Cunha.

O Liceu de Guimarães

O antigo Convento de Santa Clara — O Passado que não volta — Na Ronda da Saudade por mortos inesquecíveis — Várias notas

Por Elísio de Vasconcelos.

(De *A Voz de Portugal*, do Rio de Janeiro).

No antigo convento de Santa Clara estavam instalados o Liceu Central Martins Sarmento e o Internato Municipal.

Os alunos deste colégio eram alunos do Liceu.

No colégio recebiam as explicações das lições para o dia seguinte e nele viviam em regime de internato, frequentando as aulas do Liceu.

Desta forma o Liceu Martins Sarmento tinha uma enorme frequência e era Central, isto é, com todos os cursos de Ciências e Letras.

Mais tarde, já eu tinha concluído há muito o curso complementar, haveria de ser transformado em Nacional, o glorioso Liceu.

Soube pelo meu querido amigo Comendador Albano de Sousa Guise, que o Engenheiro Duarte Amaral, hoje deputado por Guimarães, conseguira com o seu prestígio político que a partir do ano anterior o Liceu voltasse a ser Central e fosse dada à cidade uma unidade militar, em compensação do Regimento de Infantaria n.º 20, que lhe fora tirado também.

Duarte Amaral foi meu contemporâneo no liceu e na Universidade e o conto no número dos meus amigos. Só mesmo os seus altos méritos puderam conseguir que fosse feita justiça à sua terra natal e ao nosso nunca esquecido Liceu.

Quem algum dia foi estudante em Guimarães não poderá esquecer os excelentes e exigentes professores que ali teve, nem as festas e garotices da rapaziada académica.

As festas Nicolinas com os seus diversos números prolongavam-se por semanas...

Apesar de aluno interno do Colégio, foi-me permitido no 7.º ano ser Presidente da Academia; e, por isso, usar de todas as regalias do exercício do cargo, para apreciar em todos os pormenores as Nicolinas.

A entrada triunfal do pinheiro, que seria plantado no campo da Feira, era um cortejo nocturno, acompanhado de archotes e tambores, digno de apreciar-se.

A récita de gala do 1.º de Dezembro, tornava-se reunião elegante da alta sociedade.

As danças, espécie de representação teatral e de crítica de costumes, com guarda-roupa característico e música apropriada, constituíam um agradável espectáculo.

O «Pregão», escrito em versos alexandrinos, por um dos poetas locais, de exaltação e crítica à vida citadina, era recitado por um estudante que outros acompanhavam em luxuosa carruagem seguida dos tambores que anunciavam o proclame, causava sensação.

As «Maçãzinhas», que número interessante!

As senhoras, as moças principalmente, colocavam-se às varandas e janelas, com prendas para trocar pela maçã pequena e vermelha.

Os estudantes, com lanças enfeitadas de fitas de seda coloridas, em carruagens, imponentes, espetavam a maçã e entregavam-na às mãos delicadas que a esperavam com uma lembrança em retribuição.

Neste tempo, o Liceu Martins Sarmento e Guimarães marcavam pela sua intelectualidade.

O Coronel Mário Cardoso ao fazer o panegírico do querido morto Padre Domingos Costa, o Padre Costa Matemático, assinalou que este era figura de destaque de «uma época de brilhantismo que infelizmente já passou» para Guimarães.

Além destes muitos nomes poderia citar como vultos proeminentes, de modo especial no professorado, mas os limites desta não o permitem.

Falando, porém, das Festas Nicolinas, a dois nomes ilustres se me impõe prestar homenagem!

Jerónimo Sampaio, o entusiasta das teatradas e das Festas Nicolinas, até à morte, com perto de 80 anos; e o Padre Gaspar Roriz, idêntico ao primeiro em tudo, sendo a mais autor e compositor das Danças e de alguns pregões, etc. O Padre Roriz, pelo seu espírito arguto, piadista emérito, cativava, como Jerónimo Sampaio, a mocidade estudantil. Os dois equivaliam-se.

O Padre Gaspar Roriz, primo do Comendador Sousa Guise, é muitas vezes recordado nas nossas palestras de antigos alunos do Liceu de Guimarães.

Não sei o que se passa actualmente naquela cidade, senão pelo que leio no nosso *Notícias*; mas, risonho, verifico que as Nicolinas foram realizadas este ano com grande animação e esplendor.

Passados dez anos, numa visita que fiz a Guimarães, tive saudades de mim mesmo, tantas eram as projectadas sombras de mortas ilusões.

CUIDEMOS DAS NOSSAS CRIANÇAS

A protecção e a educação das crianças constituiu sempre um problema importante ao qual as entidades têm procurado, na medida do possível, prestar as atenções e cuidados que ele requer.

Dia a dia aumenta o número de crianças que têm absoluta carência de amparo moral e material. As circunstâncias quase dramáticas em que actualmente vive o mundo, são, em grande parte, as causas de muitas desgraças e misérias.

As guerras, com as suas tremendas consequências de sangue e dor, vão lançando para a vida crianças estropiadas que, perdidas ou separadas forçosamente dos pais, ficam neste mundo à mercê do destino ou, quando muito, entregues à generosidade de pessoas ou instituições que pacientemente se dedicam à sua recuperação e respectiva preparação para a vida, de modo a que dentro das suas minguadas possibilidades, possam ainda ser úteis a si próprios e ao seu semelhante.

Outro flagelo que atinge duramente as camadas infantis, é o agravamento das condições económicas que tanto atormenta a classe trabalhadora.

A insuficiência dos salários e o fantasma do desemprego, são factores que em nada beneficiam as camadas infantis. Consideremos, por exemplo, o facto, tão vulgar entre nós, de um casal com filhos em que tanto o pai como a mãe, para ganharem o indispensável para matar a fome e pagar o aluguer da espelunca onde vivem, terem de prestar os seus serviços fora do lar, de onde partem de manhã e onde só regressam à noite. Que educação podem dar aos seus filhos estes pais que com eles convivem apenas umas curtas horas por dia?

Desta desagradável situação, resulta, inevitàvelmente, uma educação precária. Entregues a si próprios durante todo o dia, estas crianças expõem-se por vezes, embora inconscientemente, a perigos graves que com os indispensáveis cuidados materiais poderiam ser evitados.

Descem então as crianças à rua, que para elas é uma distracção e ao mesmo tempo um laboratório onde se ensaiam os maiores crimes, os piores costumes que abalam e comprometem sèriamente as regras da boa ética familiar.

Com os estômagos famintos e os corpos semi-nus, é na rua, ao abandono, que as crianças aprendem a adoptar uma vida fácil menosprezando o trabalho — fonte de alegria, de bem-estar, e prosperidade.

Urge, pois, salvar as nossas crianças. É absolutamente necessário criar-lhes, através de Jardins-Escolas, Infantários, etc., o ambiente propício ao seu desenvolvimento e educação, de modo a que se tornem homens e mulheres dignos e úteis à sociedade.

As entidades oficiais, a quem já se devem importantes providências em benefício da infância, deveriam intensificar ainda mais a sua acção protectora.

As crianças são como que o mealheiro da Nação. São elas que substituirão amanhã, os valores de hoje e se a sua educação e preparação forem nulas ou deficientes, pouco há a esperar da sua actividade em benefício dos outros.

Cada criança encerra em si o embrião da glória, do crime, do génio, ou da desgraça. O que é preciso é saber conduzi-la e orientá-la.

Do Concelho

Caldas de Vizela

Falta de habitações

A falta de habitações na nossa terra é um facto. Como quase sempre, a classe mais afectada é a operária, pois, sendo a nossa vila uma zona essencialmente industrial, não existe aqui um único bairro operário.

Os jornais quase que diàriamente nos trazem a notícia de que nesta ou naquela terra se vai dar início a mais um grande bairro operário ou económico. A população da nossa vila cresce dia a dia espantosamente, e os prédios são quase os mesmos que existiam vinte anos atrás, porque neste campo de actividade a onda de progresso que atravessa de quando em vez o País, ainda não chegou, infelizmente, até nós.

Há gente que vive em casas sem as mínimas condições de habitabilidade, e por consequência apelamos para quem de direito, e oxalá que a nossa voz não clame no deserto, para que seja tornada realidade uma das maiores aspirações de Vizela, que é o problema habitacional.

O «Jornal das Aves» e a Estação da C. P. de Santo Tirso

No penúltimo número do *Jornal das Aves* tivemos conhecimento de que a Estação do Caminho de Ferro de Santo Tirso tinha baixado de 2.ª para 3.ª classe. O facto passar-nos-ia despercebido se não fosse pessoa amiga nos ter feito chegar às mãos o referido jornal e nos ter chamado a atenção para a maneira como o articulista se lamentava pondo em cheque a nossa estação do Caminho de Ferro.

Após termos analisado pormenorizadamente o artigo, constatamos e concordamos que a Vila de Santo Tirso tem o justo direito de possuir uma estação de 2.ª classe, quer como centro Industrial, Comercial ou Turístico, o que não está certo e até mesmo protestamos, pois foi o motivo que nos levou a fazer esta referência, é que o Sr. Articulista se sirva da Estação do Caminho de Ferro de Vizela, tentando rebaixá-la, só para defender a sua causa.

Caleiros em mau estado

Há na vila prédios que têm os caleiros em mau estado de conservação que despejam água na via pública, regando sem piedade os transeuntes. Aos respectivos proprietários lembramos a conveniência do conserto desses «borrifadores».

F. C. de Vizela

Para dar prosseguimento ao Campeonato Regional da 2.ª Divisão, a equipa do nosso Clube desloca-se hoje à hospitaleira Vila da Póvoa de Lanhoso, onde defrontará a simpática equipa local do Maria da Fonte.

Teatro Cine-Parque

Apresenta hoje, às 15,15 e 21 horas, o filme colorido que obteve enorme êxito — SISSI, A JOVEM IMPERATRIZ, com: Romi Schneider e Karlheinz. (Espectáculo para maiores de 12 anos).

Quinta-feira, 6 de Março — FLECHAS DE FOGO.

Domingo, 9 de Março — CANTINFLAS NA RIBALTA.

Serviço de Farmácia

Hoje está de serviço permanente a Farmácia ALVES, Tel. 48232. — *C.*

De Covas

Expediente

Aos leitores que nos têm feito perguntas acerca da construção da capela paroquial nesta localidade — conforme notícias que publicámos — damos hoje a resposta na notícia que mais abaixo inserimos. É assim este mundo, infelizmente...

Nota da semana

Finalmente, começaram a funcionar as aulas nos novos edifícios escolares da freguesia de Polvoreira, conforme aqui temos pedido.

Agora só não concordamos com a norma que se adoptou — e que é contrária à vontade expressa num ofício que o Director Escolar enviou à comissão que lhe endereçou um «abaixo assinado». É que algumas crianças com a escola à porta de casa têm de percorrer diàriamente quatro horas para receber a instrução (por ser cada edifício só para um sexo), com o que discordamos. A quem de direito.

O caso da capela paroquial de Polvoreira

«Nada há tão funesto como a tirania do público. Isto tem sido dito vezes sem conta. O público inspirado pelos seus próprios instintos e agindo em massa, alimenta-se de calamidades medíocres. Como um desígnio feroz, a ignorância e a falta de gosto não servem se não para estimular contra-sensos. Mas há alguma coisa pior do que um público descabeçado: uma crítica indiferente.

A crítica, não é ocioso repeti-lo, tem a superior missão de conduzir e formar o público. Se em lugar de o conduzir e de o formar, se confunde com o público, quando o público se extravia, a crítica deserta da sua tarefa; renega-se, atraiçoa-se, numa palavra. O seu papel, o seu nobre papel, é enfrentar o público, tratar de dominá-lo, de adverti-lo, de aconselhá-lo.

* * *

... Por quê? Porque o público, menos ignorante e mais sensato, cedeu o seu lugar à crítica. É à crítica a quem ele delega o seu próprio juízo. De aqui, a crítica ter a obrigação de exercer a sua acção com rectidão, com independência, com energia; com mais rigor que nunca. Sobretudo, para cumprir, nobremente, a sua missão. Qual missão? Não a de ir atrás do público, mas a de conseguir que o público siga a crítica.

No dia em que o público e a crítica coincidirem no caminho da verdade, o milagre estará feito. Mas a crítica, para atingir tão frutífero fim, tem de ser heróica no seu papel de suscitar, no público, melhores ambições de beleza, por mais insignificante e vulgar que seja o motivo».

* * *

O que acima fica é transcrito do periódico *Diário Ilustrado* a propósito dumas locais acerca da construção de uma capela em Polvoreira. Já é tempo de informarmos os nossos leitores do que se passa com o caso.

Assim, em Maio de 1956, publicavamos neste jornal a seguinte notícia, a pedido de um membro da Junta de Polvoreira: «Informa-nos um membro duma comissão de paroquianos da freguesia de Polvoreira que se vai trabalhar em prol duma capela paroquial para servir a parte baixa da freguesia. Mais nos informou que já têm ao dispor pedra e o necessário terreno. Na verdade, a maior parte dos paroquianos desta freguesia residem nesta localidade e não se utilizam da igreja paroquial, em virtude de ficar a dois quilómetros e terem de se utilizar de caminhos quase intransitáveis.

O terreno é oferecido pelo Senhor Adolfo Esteves Pereira e fica situado num óptimo local desta localidade, junto da estrada nacional.

Folgamos em poder dar esta notícia, pois a maior parte da população não se serve da *Casa de Deus* da sua paróquia pelas razões que acima apontamos».

— Mais tarde, noutra local — que por falta de espaço não transcrevemos — elogiávamos a atitude, *nessa altura simpática*, do proprietário que ofereceu o terreno.

* * *

Passaram-se dias, semanas, meses, quase dois anos e nada! Até que, há tempo, aparece-nos aquele proprietário que depois de muito nos falar sobre o assunto, concluímos que já não está disposto a ceder o terreno. Não temos nada com isso, pois o terreno é dele...

O que temos — isso sim — é a obrigação de informar os leitores do que se passa. E foi isto que nos levou a abordar novamente o assunto da capela paroquial de Polvoreira.

... No caso de se voltar a ceder o terreno, daremos da melhor vontade a nossa modesta colaboração, contribuindo, assim, para o progresso da nossa querida terra.

E por que não?

O «Bem-Fazer»

Por alturas da Páscoa, este grupo local espera vestir um grande número de crianças pobres desta localidade e das freguesias circunvizinhas. Por tal motivo, espera o grupo que os alfaiates e costureiras se ofereçam para a confecção do vestuário.

Ajudar o «Bem-Fazer» é contribuir para dar felicidade às criancinhas pobres.

«Outras terras...»

Pencelo

Qual o decreto que autoriza a Junta de Freguesia de Pencelo a levar por preencher e assinar os atestados mais 100 % do que a Junta de Freguesia de Polvoreira, de que é presidente o Sr. António da Silva Júnior?

Não se poderá saber, Sr. José de Carvalho? — *C.*

Guardizela

Bem haja a Caridade

«Quem dá aos pobres não tema
Pobreza extrema;
Quem os despreza
Cai na pobreza».

Neste jornal há, pelo menos, uma secção — *Do Concelho* — justificadamente pródiga nos seus propósitos em prol da Caridade e que de há muito aparece com suas válvulas abertas de lado a lado, gritando: *«Dêem-nos uma esmola para as criancinhas nuas e esfomeadas»*.

O rigor da expressão, com ou sem propriedade, é nosso, mas foi-nos inspirado de muitos e de muitos termos como este: «O nosso fim é vestir criancinhas pobres, filhos de viúvas e dementes, de preferência».

Pelo que temos lido, o benemérito Grupo de Bem-Fazer, de Covas, tem feito, de facto, uma revolução de Caridade no seu meio, conseguindo sócios e mais sócios, por intermédio da insistência pessoal dos seus elementos directivos junto dos homens de boa vontade, por meio das circulares que o Grupo fez distribuir pelas almas generosas e ainda, e muito principalmente, pela sua propaganda feita através da Imprensa, que, por felicidade, tem naquela importante localidade um representante digno de admiração.

Apenas se fez, na secção *De Covas*, que, com todo o direito, de oito em oito dias aqui está, um pequeno interregno de duas semanas, deixando-se de falar do seu Grupo de Bem-Fazer, e novamente no último número nos aparece com a sua cadeia de benfeitores, dando desta forma sequência a uma campanha de verdadeira filantropia e em tão boa hora iniciada.

É que o espírito altruísta e empreendedor e tão moço como moça é a sua idade do nosso prezado colega daquela vasta região, e a par de quem temos muita honra de colaborar, mostra-se acalorado e não se lobriga nele indícios dum possível arrefecimento. Depois, há a salientar o franco acolhimento e as auspiciosas adesões que, de colaboração com aqueles que em tão humanitária missão o vêm acompanhando, tem colhido dos inúmeros benfeitores, que, nestas andanças de bem-fazer, prometem guindar o Grupo ao lugar a que tem jus.

De enaltecer, pois, a acção desenvolvida daquele digno correspondente na Imprensa, mormente no *Notícias de Guimarães*, que tão francamente tem sempre as suas portas abertas para a defesa das boas causas, assim como é digna de encómio a compreensão dos restantes membros do Grupo e bem assim a dos benfeitores do mesmo que um dia todos receberão o prémio de recompensa da obra puramente social, que no meio de tantas trevas vêm realizando.

Bem haja, pois, a Caridade, e ao nosso caro colega de Covas, Sr. Manuel Teixeira da Silva Martins — a quem só devemos amizade — os nossos parabéns.

... Mas só agora nos lembramos que perdemos o nosso tempo, aproveitando-o a falar duma obra digna de admiração em todo o concelho de Guimarães, preterindo a Caridade de Guardizela — e com isto só arranjamos que parte do espaço que neste jornal nos é reservado esteja de antemão tomado para o próximo número.

Valha-nos Deus...

Televisão em Guardizela

Já se encontra a funcionar, nesta freguesia, um aparelho de TV em casa do ilustre guardizelense Sr. Manuel Joaquim Pereira Mendes, pessoa da nossa mais elevada estima e admiração.

Ao caro conterrâneo, que no meio social de Guardizela goza da simpatia absoluta, apresentamos os nossos parabéns, ao mesmo tempo que aproveitamos a oportunidade para augurar o pronto restabelecimento do seu querido filhinho.

Correio de graça

Alfredo Gomes. — Grato pela referência especial que nos fez.

Disponha.

— *Manuel T. S. M.* — Pouco ou nada lhe poderemos dizer, amigo, apesar de tarde o fazermos. Conhecemos a boa vontade do animador do tal Grupo (...), mas por azar parece que nada mais se pôde ainda fazer além do que já sabe, isto é, ainda não começou, mas promete, no entanto, aparecer.

Logo que isso aconteça informá-lo-emos.

Um abraço.

Carteira do leitor

Tem passado bastante incomodado o caro guardizelense e nosso prezado amigo Sr. Albano Evangelista Pereira.

Rápido e pronto restabelecimento são os votos que, do coração, lhe desejamos. — *C.*

Caldas das Taipas

A quem de direito

Vários chefes de família desta e de freguesias circunvizinhas, pretendem que as empresas concessionárias das carreiras de camioneta para a cidade de Guimarães, sejam autorizadas a estabelecer um preço especial nas passagens dos alunos do liceu e da escola comercial e industrial, a exemplo do que faz a C. P nos comboios.

Como se trata de um pedido que nos parece razoável, chamamos a atenção de quem de direito para que aquele pedido seja atendido na medida do possível.

APRENDER ATÉ MORRER

O Tejo, o Douro e o Guadiana

Havia três rios irmãos, o Tejo, o Guadiana e o Douro.

Combinaram os três deitar-se a dormir, dizendo que o que primeiro acordasse, partisse logo para o mar.

O Guadiana foi o primeiro que acordou: escolheu lindos sítios e partiu de seu vagar.

O Tejo acordou depois, e como queria chegar primeiro ao mar, largou mais depressa e já as suas margens não são tão belas como as daquele.

O Douro foi o último que acordou, por isso rompeu por montes e vales, sem se importar com a escolha, e eis porque as suas margens são tristes e pedregosas.

(Coligida da tradição oral pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos).

Costumes dos primeiros habitantes da Lusitânia

Não imaginem, prosseguiu o João da Agualva, que os nossos antepassados eram assim como nós, que viviam em cidades, vilas e aldeias. Qual carapuça! Eram uns selvagens, uns lapuzes. As armas eram lanças de cobre, pedregulhos, mais uns dardos e uma espécie de escudo para se defenderem: fato pouco havia, cabelo comprido como o das mulheres, o qual atavam quando tinham de ir para a guerra. As mulheres é que tinham os seus enfeites, os seus bordados, os seus vestidos compridos.

— Pois já se vê que meninas nunca podem passar sem arrebiques! — disse o *Zé Carreira*, relanceando o olhar malicioso para a boa tia Margarida, que fiava na sua roca ao pé da lareira.

— Melhor para elas, ouviste! — replicou a velha. Que pena não vivesses nesse tempo para atares os cabelos com uma fita, quando fosses para a guerra!

Como o *Zé Carreira* era calvo, uma gargalhada geral acolheu a observação de Margarida.

— Comiam carne de cabra e o seu pão era cousa de pouca substância. Bebiam água, dormiam no chão, tinham barcos de couro, sacrificavam gente aos seus deuses: quando tinham algum doente, punham-no à beira da estrada; quem fazia algum roubo ou outro crime grave, era apedrejado... Não passavam de ser uns selvagens! Então que querem? Nem os povos nem os homens nascem ensinados. Todos começam assim.

M. Pinheiro Chagas — *História Alegre de Portugal.*

Alcácer-Quibir

Em 23 de Junho de 1578, largou do Tejo a armada composta de mais de 800 naus, que transportou a expedição a Tânger.

Compreendia esta uns dezoito mil homens, dos quais, além da nobreza, apenas nove mil portugueses, gente bisonha e sem valor militar.

O resto eram mercenários alemães, castelhanos, italianos do Papa, etc.

Ia D. Sebastião tão certo da vitória que levava a bordo a coroa que havia de pôr na cabeça, quando fosse coroado em Fez imperador de Marrocos; e o seu pregador já sabia de cor o sermão que devia pronunciar nessa cerimónia.

Desde que a expedição desembarcou, el-rei, no seu desejo cego de dar batalha aos Mouros, ordenou tais desatinos que um dos fidalgos portugueses, o barão de Alvito, disse:

— «Por que não havemos nós de prender este homem que nos perde?»

— «É tarde!», respondeu alguém.

— «Pois se é tarde, rezemos pelo rei, pelo reino e pelos vassalos».

Em 4 de Agosto travou-se a batalha, que durou uma hora apenas.

No primeiro ímpeto os nossos levaram os Mouros de roldão. Estes, porém, voltaram à carga, envolveram a nossa pequena hoste e esmagaram-na.

Quando viu tudo perdido, D. Sebastião não pensou em render-se. Procurou a morte com heroísmo, carregando o inimigo.

— «Só nos resta morrer!», disse-lhe um dos seus cavaleiros.

— «Morrer, sim!», respondeu ele. «Morrer... mas devagar!».

A derrota era completa. Os Mouros já não tinham cordas bastantes para atar os prisioneiros. Então el-rei deu de esporas ao cavalo e, distribuindo cutiladas, entranhou-se nas fileiras inimigas. Nunca ninguém mais o viu.

Nossa Senhora da Trincha

Nossa Senhora da Trincha,
Dos soldados Padroeira,
Tem capelinhas erguidas
Nas banquetas da trincheira!

Deus me perdoe, se peco
Em tão grande devoção!
Nossa Senhora da Trincha,
Guardai o meu coração!...

Dr. Barata da Rocha.

Portugal

Minha terra, quem me dera
Ser humilde lavrador,
Ter o pão de cada dia,
Ter a graça do Senhor:
Cavar-te por minhas mãos
Com caridade e amor.

Minha terra, quem me dera
Ser um poeta afamado,
Ter a sina de Camões,
Andar em naus embarcado:
Mostrar às outras nações
Portugal alevantado.

Minha terra, quem me dera
Poder ver-te dum sertão,
Ter-te longe dos meus olhos
Pertinho do coração,
Para amar-te mais, podendo,
Que me parece que não.

Minha terra, quem me dera
Ser um nauta assinalado,
Ir à guerra, ser soldado:
Dar por ti todo o meu sangue
De português desgraçado!

António Correia de Oliveira.

Retrato de Afonso de Albuquerque

Era homem de compassada estatura, rosto alegre e gracioso; ao tempo que se indignava tinha um acatamento triste; trazia sempre a barba mui comprida depois que começou a mandar gente, e, como era alva, dava-lhe grande veneração.

Era homem de muitas graças e motes, e em algumas melancolias leves no tempo do mandar, soltava muitos, que davam prazer a quem estava de fora.

Falava e escrevia muito bem, ajudado de algumas letras latinas que tinha. Era sagaz e manhoso em seus negócios; sabia confiar as coisas a seu propósito; trazia grandes anexins de ditos para comprazer à gente, segundo os tempos e qualidade da pessoa de cada um. Era mui fragueiro e rixoso, se o não comprazia qualquer coisa. Cansava muito os homens no que lhe mandava fazer por ter um espírito apressado. Foi de muita esmola e devoto; no enterro dos mortos ele era o primeiro. Nas execuções foi um pouco apressado, e não muito piedoso. Fazia-se temer dos mouros, e tinha grandes cautelas para deles levar a melhor.

João de Barros (1496-1570).

O Infante D. Henrique

O Infante D. Henrique foi o terceiro dos ilustres infantes, filhos de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, e nasceu no Porto, a 4 de Maio de 1394.

É um dos portugueses que mais distinta e bem merecida fama adquiriram.

Muito cedo começou a revelar decidida aptidão para o estudo e principalmente para o das ciências matemáticas, de que obteve vastos conhecimentos.

Cheio de vigor e entusiasmo pelas empresas aventurosas, foi o que mais instou com o rei, seu pai, para que empreendesse a expedição que devia conquistar Ceuta, empresa em que notàvelmente se assinalou.

De volta a Portugal, foi residir para o promontório de Sagres, no Algarve, e ali fundou uma escola em que se aprendiam as ciências necessárias aos navegantes. Dessa escola saíram os primeiros grandes navegadores que tanto renome deram a Portugal.

Dotado de vontade firme e inquebrantável, decidiu-se o infante a enviar todos os anos alguns navios a explorar o Oceano. E, assim, começou a dar impulso aos descobrimentos marítimos, que constituem um dos mais legítimos títulos das nossas glórias passadas.

Foram, com efeito, os navegadores de D. Henrique os que, dissipando as lendas do mar tenebroso, se atreveram a devassar o Atlântico e mostrar que ele era navegável.

Por isso o infante de Sagres é uma das mais nobres figuras da história portuguesa e o homem a quem Portugal deve a principal parte da sua fama e da sua grandeza.

Arsénio Augusto Torres de Mascarenhas — *Homens notáveis.*

Ninguém deve perder o seu tempo

Se houvesse um governo que nos obrigasse a contribuir com a décima parte do tempo de que podemos dispor, com certeza era considerado como um governo insuportável. Pois o maior número dos homens, por causa da sua preguiça, pagam um imposto muito mais pesado.

A preguiça é causa de muitas moléstias, e deste modo torna a vida mais curta. A preguiça, à semelhança da ferrugem, gasta mais depressa do que o trabalho; a chave que se usa é sempre mais limpa e brilhante, como diz o bom homem Ricardo.

Se quereis viver, não empregueis mal o vosso tempo; porque, como também diz o bom homem Ricardo, é ele o pano de que a vida é feita.

Nós passamos a dormir mais tempo do que deve ser, sem nos lembrarmos de que raposa que dorme não apanha galinhas, e de que temos muito tempo de dormir na sepultura.

Se o tempo é a coisa mais preciosa, gastá-lo mal deve ser, como diz o bom homem Ricardo, a maior de todas as prodigalidades; porque, como ele diz em outra parte, tempo perdido não se torna a achar.

Trabalhemos, pois, enquanto pudermos; a preguiça torna tudo difícil; o trabalho tudo facilita. Quem se levanta tarde, precisa de trabalhar todo o dia e dificilmente tem concluídos à noite os trabalhos. Além disso a preguiça anda tão devagar que a pobreza depressa a alcança.

Dirigi os vossos negócios, e nunca vos deixeis dirigir por eles.

Quem cedo se deita e cedo se levanta, — diz o bom homem Ricardo — torna-se sadio, rico e sábio.

Franklin.

O último gesto dum moribundo

Conduzem à ambulância de Nevala perante o capitão médico um soldado de infantaria com o maxilar inferior dilacerado por um estilhaço de granada.

O capitão interroga-o:

— Então, como vai isso? Dói-te muito? Sentes-te mal, meu rapaz?

O ferido, sem poder articular uma palavra, apesar de não querer dar parte de fraco, faz um gesto afirmativo, com a cabeça muito pendida para a frente, o que lhe fazia correr o sangue pelo peito.

— Podes falar? Experimenta dizer alguma coisa, vê se consegues exprimir alguma coisa que desejes. Experimenta sempre...

Os maqueiros amparam o ferido e conduzem-no para a mesa das operações.

O soldado com os olhos cerrados, já moribundo, faz um gesto para que se aproximem melhor, para dizer qualquer coisa e apenas com um sopro, mal perceptível, consegue fazer ouvir muito sumidamente aos que o amparavam:

— Viva Portugal!

O que os olhos vêem!

Dissipou-se a incerteza: — Guimarães, a Terra Mãe Lusitana, situada no começo da encosta mais encantadora da Montanha da Penha, firme nas tradições de um passado de História gloriosa, conservando a sua fisionomia tradicional de Terra velhinha, enriquece-se agora de novidades!

Rasgam-se novas artérias, dá-se maior amplitude aos seus largos, surgem as construções modernas, os bairros e tantos outros empreendimentos de não menos apreciável valor, o que tudo nos pareceria um sonho se os nossos olhos não vissem e pudessem apreciar!...

Os dias que vivemos, agitados pela febre dos desportos e pela curiosidade turística convidam as terras a um nível de requisitos a que não podíamos ficar indiferentes.

— E tanto num caso como no outro, Guimarães tem os seus valores bem vincados. — Apenas se tornava necessário fazê-los realçar para se evidenciarem à altura do que são e do que realmente valem.

Finalmente, dissipou-se a incerteza: — Tudo vai decorrendo em ritmo progressivo, de modo que dentro de uns tempos, não muito distantes, teremos Guimarães velhinha — Santuário do Passado — sempre zelada e acarinhada, e Guimarães de agora, modernizada à altura dos seus merecimentos e, bem assim, das exigências actuais.

De resto, sempre por Guimarães — Mãe da Pátria Lusa — Solar da Alma Nacional — Terra Principal e de Santa Maria da Oliveira — que bem o merece.

Covas, Fevereiro de 1958.

Alex.

Melhoramentos locais

Vão muito adiantadas as obras da pavimentação dos passeios da Rua de António de Barros, desta vila, levadas a efeito pela Ex.ma Câmara de Guimarães.

O Município de Guimarães não descura as necessidades desta vila, e isso constitui a certeza de que as Taipas não estão esquecidas, devendo os seus habitantes confiar na acção da Câmara e do Governo da Nação.

Sinalização

A Junta de Turismo de colaboração com a Direcção de Estradas do Distrito, vai mandar colocar em locais próprios placas de sinalização, indicando os sítios de turismo e de diversões da Estância. — *C.*

GENERAL ELECTRIC

(O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA)

Novos modelos para 1958 — Novos preços reduzidos

Em exposição no Agente Oficial A. GOUVEIA — Rua de Paio Galvão, Stands 10 e 11 — Guimarães

126

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Rev. dr. Francisco Melo — Faz anos àmanhã, dia 3, este nosso querido amigo, ilustrado pároco de S. Pedro de Raimonda (Freamunde) e conhecido orador sagrado, que nesta cidade, onde se fez ouvir diversas vezes em imponentes solenidades religiosas, conta grande número de admiradores e amigos.

Felicitando o querido Amigo fazemos sinceramente os melhores votos pela continuação de sua preciosa saúde.

*

Padre Manuel de Matos — Também faz anos àmanhã, dia 3, o nosso querido amigo e distinto Colaborador, Rev. Padre Manuel de Matos, ilustrado Abade da freguesia de Gonça, a quem abraçamos com os melhores votos de muitas prosperidades.

Fazem anos:

No dia 3, o nosso prezado amigo sr. Altino Dias Pereira, digno Chefe da Estação do Caminho de Ferro; a sr.ª D. Maria Rosa Vieira dos Santos, esposa do nosso prezado amigo sr. Tenente Ernesto Moreira dos Santos, a menina Maria Fernanda da Silva Gomes, filha do nosso amigo sr. José Ferreira Gomes e da sr.ª D. Maria Amélia da Silva; a sr.ª D. Maria Albertina Carneiro Carvalho da Silva Guimarães, esposa do nosso bom amigo sr. Augusto Joaquim da Silva Guimarães, e os nossos prezados amigos srs. Manuel da Costa Pedrosa, director do Internato Municipal, Abel Sampaio, João Ferreira Rodrigues, Carlos Alberto Teixeira e José Raúl Campos de Carvalho; no dia 4, as sr.as D. Rosa de Jesus Ribeiro e D. Maria Luísa Correia da Silva Vinagreiro, esposa do nosso bom amigo sr. Domingos Pereira de Sousa Vinagreiro; os nossos bons amigos srs. Joaquim António da Cunha Machado e Jaime da Cunha Guimarães, conceituado industrial em Pedome, e o também nosso prezado amigo sr. António Leite Vilaça Ferreira e sua irmã a sr.ª D. Maria Amélia Vilaça Ferreira; no dia 5, o nosso conterrâneo sr. Manuel de Matos Machado, filho do nosso bom amigo sr. José de Freitas Machado, estimado industrial em Tomar, e os também nossos bons amigos srs. José Mendes Guimarães e Laurentino R. Teixeira; no dia 6, os nossos amigos srs. Fernando Machado Pinheiro, José de Oliveira, Casimiro Martins Fernandes e José Maria Pacheco Rodrigues; no dia 7, mademoiselle *Maria Antonina Dias de Castro Fernandes, filha do nosso prezado amigo sr. João Mendes Fernandes, e a sr.ª D. Maria Clementina Coelho da Costa Ribeiro, esposa do nosso bom amigo e solícito correspondente em Guardizela, sr. Manuel Ribeiro, e o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Francisco Ribeiro Pinto; no dia 8, o nosso bom amigo sr. António Dias, de S. Romão de Mesão-Frio; no dia 9, a sr.ª D. Maria Irene Salgado Guimarães, filha do nosso prezado amigo sr. Joaquim Salgado Guimarães, a sr.ª D. Maria de Lourdes Pinheiro Machado e os srs. José Adriano de Carvalho Melo e Fernando Machado Pinheiro.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

Completa àmanhã 5 risonhas primaveras a menina Maria José da Costa Duarte, filhinha do nosso bom amigo sr. Armindo Duarte e de sua esposa a sr.ª D. Maria Ismália da Costa Duarte. Parabéns

Do Brasil

Com sua esposa e vindo do Brasil de visita a sua família, encontra-se nesta cidade, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Domingos José de Freitas Ribeiro Martins da Costa.

Em Guimarães

Estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. António M. Santos da Cunha, ilustre Presidente da Câmara de Braga; Manuel Gomes, da Póvoa de Varzim, e Heitor Gomes Fernandes Guimarães, residente no Porto.

— Com sua família regressou a Lisboa, o nosso prezado amigo sr. Valeriano Ribeiro de Faria Abreu.

Pedidos de casamento

No pretérito dia 23 de Fevereiro e nesta cidade, o sr. Alberto Alves Rodrigues e sua esposa a sr.ª D. Ana Isaura Gonçalves Monteiro, proprietários em Celorico de Basto, pediram em casamento, para seu filho sr. Joaquim C. Rodrigues Monteiro, conceituado comerciante, a mão da gentil vimaranense sr.ª D. Maria do Carmo Lima, filha da sr.ª D. Beatriz da Silva Lima, proprietária nesta cidade, e do sr. António Fernandes Prado, já falecido, devendo realizar-se em breve o auspicioso enlace.

Aos noivos desejamos desde já as maiores venturas.

— O conceituado industrial de camionagem sr. Amândio de Oliveira, pediu em casamento para seu sobrinho o sr. José Armando Ferreira Gomes, proprietário em Garfe, Póvoa de Lanhoso, filho do sr. Joaquim Ferreira Gomes, já falecido, e de sua esposa a sr.ª D. Ana de Oliveira, a mão da sr.ª D. Maria do Céu Silva, filha do estimado proprietário o sr. Manuel da Silva Sampaio, e de sua esposa a sr.ª D. Emília de Jesus Silva Sampaio, devendo o enlace realizar-se em breve.

Aos noivos e suas famílias, apresentamos os nossos antecipados cumprimentos de parabéns.

Movimento Familiar

Esteve nesta cidade, de visita a seu pai, o nosso querido amigo e conterrâneo sr. eng.º Duarte do Amaral, ilustre Deputado.

— Esteve nesta cidade e deu-nos o prazer de sua visita, o nosso prezado amigo e ilustre Colaborador, sr. A. L. de Carvalho.

— Também esteve nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior, residente na Foz do Douro, a quem tivemos o gosto de cumprimentar.

— De uma digressão pelo Algarve, regressou a esta cidade, o nosso prezado amigo sr. António de Freitas Oliveira Cosme.

— Com sua esposa esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. Augusto Joaquim da Silva Guimarães.

— Esteve em Lisboa, de visita a sua mãe, a sr.ª D. Inês da Silva Gonçalves, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. José Gonçalves.

— Esteve em Lisboa o nosso prezado amigo sr. Fernando da Costa Setas.

— Com sua esposa foi passar umas férias ao Algarve, o nosso prezado amigo sr. Francisco Salgado Formiga,

Enfermos

Foi operada, numa Casa de Saúde do Porto, a sr.ª D. Maria Arminda do Amaral Lobo Machado.

— Continua a experimentar sensíveis melhoras, o nosso prezado amigo e antigo Colaborador sr. Alfredo Guimarães.

— Já se encontra restabelecido o nosso bom amigo sr. Domingos Alves Ferreira.

— Vai experimentando sensíveis melhoras o nosso bom amigo sr. António Caires Pinto Madureira.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

No «Notícias»

Deu-nos o prazer de sua visita o nosso amigo sr. António Inácio da Cunha Guimarães, de Vizela.

Falec. e Sufrágios

D. Maria José Ribeiro Lindoso

Na sua residência, à rua de Trás-de-Gaia e confortada com todos os Sacramentos da S. M. Igreja, finou-se com 68 anos de idade, esta bondosa senhora, esposa do sr. Gaspar Tomás Peixoto de Bourbon Lindoso; mãe das sr.as D. Maria José Ribeiro Peixoto Lindoso Guimarães, casada com o sr. João Rodrigues Pereira Guimarães (residente em Lisboa); D. Maria Fernanda Peixoto Lindoso Mendes, casada com o sr. Rodrigo de Freitas Mendes (ausentes no Brasil), e D. Maria da Glória Peixoto Lindoso, e dos srs. Alfredo Tomás Ribeiro Peixoto Lindoso, casado com a sr.ª D. Maria Vieira Lindoso; João Ribeiro Peixoto Lindoso, casado com a sr.ª D. Cândida de Sousa Garcia Lindoso (ausentes no Brasil); António Ribeiro Peixoto Lindoso, casado com a sr.ª D. Glória Rodrigues Lindoso, e Gonçalo Ribeiro Peixoto Lindoso, e cunhada do Rev. P.e João Pedro de Bourbon Lindoso.

O seu funeral, que esteve bastante concorrido, efectuou-se na 4.ª-feira, da Igreja paroquial de S. Sebastião, onde tiveram lugar os responsos fúnebres, para o cemitério Municipal.

Os nossos pêsames à família dorida.

D. Zulmira Pereira de Freitas Pires

Em Lisboa, na Casa de Saúde das Amoreiras, onde havia ido em busca de lenitivo para os seus sofrimentos, faleceu na 3.ª-feira, contando 60 anos de idade, a sr.ª D. Zulmira Pereira de Freitas Pires, casada com o nosso prezado camarada e amigo sr. João de Deus Pereira, delegado de «O Primeiro de Janeiro» nesta cidade e professor das Escolas de S. Francisco; mãe dos srs. José Sílvio Pereira de Freitas Pires e Mário Herlânder Pereira de Freitas Pires; irmã das sr.as D. Idalina Pereira de Freitas Pires, Chefe dos C. T. T. de Vizela, e D. Hermandina Pereira de Freitas Pires e do sr. João Pereira de Freitas Pires, residente em Lisboa; sogra da sr.ª D. Maria Ester Cândida dos Santos, e cunhada dos srs. Luís Gonzaga Pereira e Manuel do Couto.

O funeral da bondosa senhora, que era dotada de acrisoladas virtudes, efectuou-se na 4.ª-feira de tarde, para o cemitério da Ajuda, em Lisboa, após os responsos fúnebres na igreja do Santo Condestável.

Compartilhando do grande desgosto que atingiu o nosso querido Camarada e Amigo sr. João de Deus Pereira, apresentamos-lhe, assim como a toda a família dorida, os nossos mais sentidos pêsames.

António Pinto de Carvalho e Freitas do Amaral

Em Lisboa, onde acidentalmente se encontrava, finou-se inesperadamente na passada terça-feira, o nosso estimado conterrâneo sr. António Pinto de Carvalho e Freitas do Amaral, que contava 58 anos de idade e vivia, há anos, na Póvoa de Varzim.

O extinto era casado com a sr.ª D. Maria Carolina Trocado Freitas do Amaral; filho do sr. coronel Duarte do Amaral Pinto de Freitas e de D. Ana Mendes Ribeiro de Oliveira, já falecida; pai dos srs. António Fernando e Nuno Duarte Trocado Freitas do Amaral, estudantes; irmão das sr.as D. Maria Arminda do Amaral Lobo Machado, D. Maria Ernestina e D. Maria Flávia Amaral e do nosso prezado amigo sr. eng.º Duarte do Amaral, administrador da Sacor, e do sr. capitão Gaspar do Amaral; genro do sr. dr. Josué Francisco Trocado; cunhado das sr.as D. Maria Filomena Trocado Freitas do Amaral, D. Maria Madalena Trocado Briz, D. Maria da Conceição Fezas Vital Trocado, D. Paulette Reynaud Campos Trocado e dos srs. Rodrigo Lobo Machado Cardoso de Meneses, já falecido; eng. Francisco de Campos Trocado, dr. José Maria de Campos Trocado e dr. Fermin Rosalez Briz.

O sr. António Pinto de Carvalho Freitas do Amaral, era um exemplo pelos primores do seu espírito. Inteligente, activo, com uma singular força de compreensão, tinha o culto da família e o culto da amizade.

O seu cadáver foi trasladado na 4.ª-feira, para esta cidade, onde chegou ao princípio da noite, acompanhado por pessoas de família e outras das suas mais íntimas relações, ficando depositado na igreja da Misericórdia, onde no dia seguinte, pelas 11 horas, tiveram lugar os ofícios fúnebres por sua alma.

Após as cerimónias religiosas efectuou-se o funeral para jazigo de família no cemitério Municipal.

Entre a numerosa e selecta assistência foi-nos possível registar os seguintes nomes: dr. Valentim de Almeida e Sousa, Delegado do I. N. T., que representava o sr. Ministro das Corporações; António M. Santos da Cunha, Presidente da Câmara Municipal de Braga, que também representava o Presidente da Junta da Província do Minho; dr. José Maria de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, que também representava os srs. Governador Civil do Distrito e o Director Geral dos Serviços de Urbanização, e que estava acompanhado da respectiva vereação, Chefe da Secretaria, Director dos Serviços Municipalizados e outros funcionários; João M. Rodrigues Martins da Costa e Comendador Alberto Pimenta Machado, em representação da Comissão Concelhia da U. N.; Revs. P.e António Cândido Pires Quesado, Arcipreste da Póvoa de Varzim, e P.e António de Araújo Costa, Arcipreste de Guimarães; dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Ministro da V. O. T. de S. Francisco; Cap. José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, Presidente do Grémio da Lavoura; Tenente-Coronel António da Conceição Marcelino, Comandante do 1.º Grupo C. A. M., da Póvoa de Varzim; P.e José Carlos Simões de Almeida, Director do Internato Municipal; dr. Eduardo Augusto Almeida Cruz Pinto, Director da Cidla; Luís Camões S. Magalhães Teixeira, administrador da Cidla; Joaquim de Sousa, chefe da Secção de Finanças; dr. J. Catanas Diogo, Vice-Reitor do Liceu; Cap. António José da Mota, em representação da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, etc., etc.

Fizeram-se representar ainda: Coronel Manuel Domingos, sub-director da Manutenção Militar, pelo dr. Jorge da Costa Antunes; Direcção da S. M. S., pelo sr. Alberto Vieira Braga; Grémio do Comércio, pelo sr. Amadeu José de Carvalho; dr. Francisco Pinto Rodrigues, pelo sr. Francisco Ramos Martins Fernandes; Visconde de Nespereira, por seu irmão dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses (Paço Nespereira); Comissão Municipal de Assistência, pelo seu presidente rev. P.e Avelino P. Borda; dr. Simião Pinto de Mesquita, pelo Major Miguel de Sequeira Braga; Manuel Vaz Pacheco de Miranda, Director do «Jornal de Notícias», pelo sr. António Pinto Machado; dr. A. Carlos Lima, pelo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães; Direcção dos Bombeiros V. de Guimarães, pelo sr. António Faria Martins; José da Silva Gonçalves, pelo sr. Luís Trepa de Oliveira Ramos; Manuel Cerquinho Ribeiro da Fonseca, pelo sr. Alberto Costa; Direcção do Vitória Sport Clube, pelo sr. eng.º Helder Rocha; Mesa da Ordem de S. Domingos, pelo sr. Belmiro Mendes de Oliveira; Banco Espírito Santo e C. de Lisboa, pelo sr. Angelo de Sousa Silva Madureira; Banco N. Ultramarino, pelo sr. Carlos Brandão; Irmandade de S. Torcato, pelo seu Juiz sr. Conselheiro Raúl Alves da Cunha; eng.º Cardoso da Silva, pelo sr. Manuel Jesus de Sousa; Grémio dos Ourives, pelo sr. Gabriel Ferreira Marques; Luís Soares Leite, por seu filho dr. Júlio Soares Leite; dr. António de Jesus Gonçalves, pelo sr. dr. Joaquim O. Torres; José Jacinto Júnior, por seu genro sr. Joaquim Carvalho Miranda; Sindicato N. dos Caixeiros, pelo sr. Laurentino Ribeiro Teixeira; Casa dos Pobres, pelo sr. Manuel da Silva Ferreira; Teatro dos Caixeiros, pelo sr. Aurélio Ferra; Major António J. T. Miranda, por sua filha a sr.ª D. Noémia Peixoto Miranda; dr. José Carvalho Machado, pelo sr. Alcino Machado; Comissão Prò-Casa da Marcha, pelo sr. António Fonseca Ferreira; Associação Artística Vimaranense, pelo sr. Eduardo de Oliveira Machado; Fernando Gilberto Pereira, pelo sr. José Gilberto Pereira; Prof. Mário de Sousa Meneses, Provedor da Misericórdia e «O Século», pelo director do «Notícias de Guimarães».

A' família enlutada e especialmente ao sr. eng.º Duarte do Amaral, apresenta «Notícias de Guimarães» sentidos pêsames.

Rev. Manuel Ferreira Coelho

Com 78 anos, faleceu em S. Pedro da Raimonda (Freamunde), o rev. Manuel Ferreira Coelho, antigo pároco de Figueiró. Pastoreou também, as freguesias de Carvalhosa e Lamoso, do mesmo concelho. Fez parte do curso do Seminário dos Carvalhos, de 1894.

Nos primeiros anos do regime republicano retirou para o Brasil, exercendo em Pernambuco. O funeral efectuou-se ontem em Raimonda com numerosa assistência, tendo presidido aos ofícios fúnebres, que foram entoados por muitos eclesiásticos do Mosteiro de Singeverga e do Seminário do Porto, o rev. D. Abade de Singeverga.

Foi portador da chave do caixão o sr. José Maria Carneiro Leão.

Ao sr. António Ferreira Coelho, irmão do virtuoso sacerdote e nosso saudoso amigo, apresentamos sentidas condolências.

D. Pilar Prudência Rei Garcia Trindade

Vítima de um atropelamento, ocorrido no dia 25 de Janeiro na rua Costa Cabral da cidade do Porto, e após dolorosos sofrimentos, finou-sen o Hospital Geral de Santo António, da mesma cidade, a sr.ª D. Pilar Prudência Rei Garcia Trindade, irmã do sr. António José Trindade, comerciante em Guimarães e sogra da sr.ª D. Júlia Vieira Trindade, tendo-se efectuado o funeral anteontém à tarde, no Porto, do Instituto de Medicina Legal para o Cemitério do Prado do Repouso, em cuja Capela foram rezados os reponsos fúnebres por sua alma.

A' família dorida apresentamos sentidas condolências.

De luto

Faleceu no Rio de Janeiro a sr.ª D. Antónia Azevedo Felgueiras, casada com o nosso conterrâneo sr. José Baptista Felgueiras e cunhada do ilustre advogado vimaranense sr. dr. Mariano Felgueiras e da falecida esposa do sr. Gaspar Gonçalves Coelho.

Os nossos pêsames.

— Guarda luto pelo falecimento de um seu irmão, ocorrido em Cepães (Fafe), o sr. Msnuel da Silva Sampaio, a quem apresentamos condolências.

Vida Católica

Mês de S. José

Princípiou ontem, nos nossos templos o piedoso exercício em honra de S. José, com o seguinte horário:

Igreja de N.ª S.ª da Oliveira, às 21 horas; Basílica de S. Pedro, às 6; Igreja Paroquial das Dominicas, às 20,30; Igreja da Misericórdia (Paroquial de S. Paio), às 8; Igreja do Hospital, às 6,30; Igreja de N.ª S.ª do Carmo, às 7,30; Santuário de N.ª S.ª do Perpétuo Socorro, às 18, e aos domingos, às 16,30; Capela da Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, às 8; Idem de S. Francisco, às 17,30, e aos domingos às 7,30.

Conferência Bíblicas Dialogadas

A realizar na 2.ª semana da Quaresma, de 3 a 9 de Março de 1958, todos os dias às 21,30 (hora exacta) no Salão Nobre do Grémio do Comércio, à Rua da Rainha, Telefone 4145 — Guimarães.

Presidirá como Orador e Moderador, o Dominicano Fr. João de Oliveira e, como participantes activos ou objectantes, intervirão ilustres mentores da cultura vimaranense e quantos desejarem levantar problemas ou esclarecer dúvidas acerca dos assuntos tratados.

Estas Conferências são destinadas a adultos desde os 15 anos, católicos ou não, e têm por fim tratar os mais graves problemas da Bíblia, essa «Carta do Pai Celeste a seus Filhos da Terra» (Pio XII — Assuntos do mais vivo interesse para V. Ex.ª e problemas máximos da sua vida eterna e terrena à luz dessa «Carta».

A MARAVILHA MÁXIMA PARA BEM OUVIR

viennatone

GARANTIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
AURICULARES POR MEDIDA

AGENTES NO NORTE

RETINA-ÓPTICA

RUA DE SAMPAIO BRUNO, 12-A — PORTO

121

Saiu o n.º 33

Da Revista Semanal Ilustrada

«MUNDO»

A melhor revista portuguesa de actualidades

«MUNDO»

Director — **GENTIL MARQUES**

Publica mais um sumário sensacional em que se destaca:

Uma reportagem inédita com Gago Coutinho e Hermínia Silva, por Lobo Pimentel — (exclusivo para Mundo)

e ainda:

Uma Lição de Ténis por Alberto Ló, o novo campeão do Benfica;

— O Grande Festival Anual de Circo, na cidade do Porto;

— Uma Entrevista com Monsenhor Moreira das Neves;

— A Ultima Forca que existiu em Portugal;

— O Caso Estranho da Princesa Anastásia — (continuação);

— A Aventura Apaixonante de Cinco Miúdos Portugueses que Descobriram Angola - uma série;

— Uma Estrela do Cinema Alemão visitou Portugal;

— Pescadores de Pérolas;

— O Mundo Dos Astros.

São todos exclusivos da revista «MUNDO» que continua a preparar o melhor e mais útil concurso de todos os tempos:

O Gande Concurso das Férias!

Pedidos à Redacção

Rua da Rosa, 252-1.º — Tel. 32345

LISBOA (125

Teatro Jordão

APRESENTA

HOJE, D'S 15 A D'S 21,30 HORAS

Burt Lancaster — Kirk Douglas
Rhonda Fleming

em

DUELO DE FOGO

Vista Vision — Technicolor

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

TERÇA-FEIRA, 4 — D'S 21,30 HORAS

John Justin — Barbara Laage

em

CULPADA?

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

QUINTA-FEIRA, 6 — D'S 21,30 HORAS

Jack Hawkine = Dorothy Alyson

em

O segredo e a chave

O filme policial perfeito

(Espectáculo para maiores de 17 anos)

SÁBADO, 8 — D'S 21,30 HORAS

Audie Murphy = Chill Wills

em

HERÓI E TRAIDOR

Technicolor

122 (Espectáculo para maiores de 12 anos)

DESPORTO

A Comissão de Auxílio do Vitória e a sua acção

Quando, há cerca de dois anos, a Direcção do Vitória criou a sua Comissão de Auxílio, fê-lo pelo conhecimento exacto que tinha de haver entre os associados do Clube muitos que estavam interessados em ajudá-la no engrandecimento constante da colectividade.

Pode-se dizer que foram verdadeiramente auspiciosos os dois primeiros anos de actividade desta Comissão. Mais de sessenta contos, por seu intermédio, foram conseguidos para o Clube, através de diversos empreendimentos, sendo de destacar as provas de Perícia Automobilística, os Bilhetes de Boa Vontade, os jogos de Solteiros e Casados e algumas reuniões dançantes, levadas a efeito na sede do Clube.

Tão óptimos resultados levaram a tomar ainda mais efectiva a actividade deste precioso núcleo de colaboradores dos Dirigentes do Vitória. Estudou-se uma remodelação da referida Comissão, à qual foram agregados mais associados, podendo-se dizer que ela agora tem à sua frente um grupo de colaboradores verdadeiramente eficiente. Destaquem-se os seus nomes: — António Antunes, António Faria Martins Leite, Augusto da Costa Monteiro, Damião da Silva, Francisco José Ribeiro Jordão, João Ferreira da Cunha, Jorge Vilaça de Freitas Neves, José Maria Alves de Magalhães, Júlio Martins da Silva e Luís Júlio Correia da Cunha.

Estão várias iniciativas previstas para serem levadas a efeito por este valioso grupo de vimaranenses, que têm ainda a colaboração necessária de muitas outras pessoas. De semana a semana, vamos, nesta secção desportiva do «Notícias», dar conta da sua actividade, reservando já para hoje uma referência a uma *campanha* que é das mais fundamentais para a vida futura da colectividade. Trata-se da angariação de sócios, pois sòmente com numerosos associados é que o Vitória pode encarar o seu futuro tranquilamente. Para já tal campanha começou com o envio de circulares a todos os actuais sócios do Clube, no sentido de cada um conseguir, entre os seus amigos, mais *um sócio para o Vitória*. E' do teor seguinte a circular enviada juntamente com uma proposta para associado:

«Presado Consócio: O *Vitória* só poderá ser aquele grande Clube que desejas, se tiver uma massa associativa numerosa. Sòmente dessa maneira conseguirá a vida desafogada que permite os melhores empreendimentos e que possibilita a qualquer de Vós ser um Dirigente. Com uma massa associativa numerosa, certa no pagamento das suas cotas, o nosso *Vitória* pode atingir aquilo que está no anseio de todos os seus adeptos. Por isso, como és dedicado Sócio do Clube, apelamos para ti, para que consigas, entre os teus Amigos, UM, pelo menos, que não sendo ainda sócio do *Vitória*, preencha a proposta, que junto te remetemos, mas que tenha a qualidade de ser sempre certo no cumprimento dos deveres para com o Clube. Se cada sócio do *Vitória* conseguir um novo sócio — e esta Campanha não tem outro fim — alcançaremos, para o nosso Clube e para a nossa Terra, tudo aquilo que ambicionamos, para sua honra e glória. Auxilia o teu Clube, propondo um novo Sócio.»

A Maratona do Futebol Nacional

Vitória, 1 — Espinho, 1

Não houve surpresa no jogo da Amorosa, mas sim festa para as jovens promessas do Clube Vimaranense

Prestes a findar esta fase da *Maratona*, pois joga-se hoje a sua última jornada, a competição continua a manter o mesmo interesse, dada a influência que certos resultados podem ter no escalonamento final da classificação, sobretudo aqueles que se ligam com as equipas que estão no fundo da tabela. Registemos, para já, os resultados gerais da última jornada:

Vitória, 1-Espinho, 1; Vianense, 1-Tirsense, 0; Leixões, 0-Peniche, 0; Vila Real, 1-Leões, 1; Gil Vicente, 2-Chaves, 0; Sanjoanense, 1-Boavista, 3; e Marinhense, 1-Covilhã, 2.

Temos assim que registar mais as surpresas havidas, no campo do Leixões, onde o Peniche foi obter um precioso ponto, e, no de Vila Real, onde também, com um empate, os Leões alcançaram a possibilidade de ainda deixarem de ser os últimos.

Dos três, já definitivamente apurados para a fase decisiva do torneio, o Covilhã e o Boavista estiveram em evidência, enquanto o Vitória, empatando com o Espinho no seu próprio campo, realizou um resultado que, para os menos atentos, pode também ser julgado como de surpresa.

Porém nada disso aconteceu. O Técnico do Vitória, sempre lúcido nas suas resoluções, aproveitou este encontro para fazer exibir, perante o seu público, um grupo de valiosas promessas que o Vitória possui. Para mais, este jogo não tinha qualquer interesse para qualquer dos seus contendores. O Vitória já era *primeiríssimo* na Zona Norte e o Espinho já tinha também garantida a sua permanência para a competição da próxima época.

A propósito apetece-nos — e, por isso, não o deixamos de fazer — dizer certas palavras por causa de determinados *alarmes*, levantados em Santarém e em Viana do Castelo, sobre o jogo que o Vitória tem de disputar hoje em Santo Tirso

E' anedótico tudo que temos visto escrito sobre o assunto. O Vitória com direito a fazer descançar aqueles jogadores que entendesse, pois sòmente é obrigado a apresentar elementos inscritos na F. P. F., isto é, devidamente legalizados, já tinha ponderado com cuidado o assunto e, por isso, é que contra o Espinho fez o citado descanço.

Não anda o Vitória a praticar desporto com o sentido de prejudicar quem quer que seja. E não anda, sobretudo, porque bem sabe o que já certa vez lhe aconteceu. Da memória de todos os vimaranenses ainda se não apagou o triste «caso do Bessa», onde teve bastante prejuízo, com um resultado desvirtuado, cuja a verdade veio bem frizada em despacho superior.

Sosseguem os desportistas de Santarém ou de Viana do Castelo, que o Vitória respeitará a verdadeira dignidade do desporto, apresentando em Santo Tirso a sua melhor equipa de momento, totalmente interessada em conquistar também o melhor resultado para as suas gloriosas cores!...

*

O encontro de domingo do Vitória foi orientado, como atrás dizemos, no sentido de dar uma oportunidade às jovens promessas da sua equipa. E, certamente, todos aqueles que estiveram na Amorosa gostaram de ver o Vieira, o Silva e o Miranda actuarem na primeira categoria do Clube vimaranense. E' que tudo se encaminha para, num futuro breve, o Vitória ter no seu conjunto valores em quantidade, nascidos ou pelo menos iniciados para o futebol em Guimarães. Repare-se que presentemente fazem parte dos quadros do Vitória estes jogadores: Vieira, Daniel e Silva, vindos dos juniores do Clube; Joãa da Costa e Miranda, oriundos do clube local D. F. Holanda; e em breve regressará da vida militar outro prometedor valor, que é Freitas, também criado nas categorias juvenis do Vitória.

Assim, mais que o resultado em si, o encontro de domingo último deve ser encarado como festivo para o futebol vimaranense. Bem sabemos que muitos não gostam de perder, mesmo nestas circunstâncias, mas a nós, zelosos dos interesses gerais do Clube, consideramos a jornada de domingo verdadeiramente auspiciosa para o futuro do Vitória.

Merece referência, entre os consagrados, Bártolo pelo golo precioso que obteve.

*

Ficha do jogo — *Vitória*: Vieira, Cesário e Daniel; Barros, Virgílio e Silva; Bártolo, Cívico, Ernesto, Miranda e Lutero. *Espinho*: Leston, Padrão e Alberto; Sejas, Milncho e Alcobia; Bouçon, Carvalho, Moutinho, Artur e Óscar. Arbitragem de Clemente Henriques, do Porto.

Golo de Bártolo, para o Vitória, e golo de Bouçon para o Espinho.

* * *

A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Tirsense-Vitória; Peniche-Vianense; Leões-Leixões; Chaves-Vila Real; Boavista-Gil Vicente; Covilhã-Sanjoanense; e Espinho-Marinhense.

O Vitória, neste seu último jogo desta fase, apresentará uma equipa quase com a totalidade de todos os seus elementos. Sòmente não alinham um ou dois e isso por motivo de doença dos mesmos. Por isso, dada a diferença de valores entre as duas equipas, esperamos um bom resultado para a nossa turma, dado o apoio que os seus adeptos lhe devem dar, pela proximidade de que Guimarães está de Santo Tirso.

L. R.

Uma pequena e alegre festa do Vitória

O Treinador do Vitória, sr. Fernando Vaz, reuniu na passada segunda-feira, no Restaurante Mirapenha, desta cidade, os jogadores da equipa do Vitória para uma confraternização comemorativa do primeiro lugar que o Clube alcançou, na Zona Norte, do Campeonato da II Divisão.

Estiveram presentes todos os jogadores, com excepção de Silveira, Abel e Barros, todos doentes, os dois Massagistas do Clube e ainda os Dirigentes, srs. Alberto Pimenta Machado Júnior, que presidiu ao repasto, dr. Brochado Teixeira, eng.º Helder Rocha, M. Cardoso do Vale, Júlio Martins e Alfredo Maia, e ainda os dedicados associados srs. António Cardoso Rodrigues e Casimiro Coelho de Lima.

Esta reunião foi uma verdadeira demonstração de boa camaradagem e de optimismo, sendo garantia da continuidade dos bons resultados que o Vitória tem alcançado.

Usaram da palavra, no final do jantar, os srs. dr. Brochado Teixeira, eng.º Helder Rocha, Fernando Vaz, que leu um telegrama do Presidente do Clube, sr. eng.º Alberto Costa, ausente em Lisboa, e apresentou saadações do sr. Antero Henriques da Silva, que não pôde comparecer, tendo terminado a série de discursos o vice-presidente do Direcção do Vitória, sr. Alberto Pimenta Machado Júnior.

A eliminatória concelhia da «Grande Prova de Iniciação em Ciclismo» ficou adiada para o próximo domingo, dia 9 de Março

Porque em algumas localidades não foi possível ter totalmente em ordem a organização das eliminatórias concelhias para esta competição, a Federação Portuguesa de Ciclismo resolveu adiá-la para o próximo dia 9 do corrente.

Em Guimarães estava tudo na devida ordem, mas cremos que este adiamento vai possibilitar a presença de mais ciclistas, dado que o prazo de inscrição só termina agora na próxima terça-feira, dia 4.

A corrida de Guimarães terá a forma de circuito, em 17 voltas, através de várias artérias da cidade, no sentido da enumeração que segue: Toural, Largo 28 de Maio, Avenida D. Afonso Henriques, Avenida D. João IV, Largo da República do Brasil, Avenida Alberto Sampaio, Praça da Mumadona, Rua Serpa Pinto, Largo Martins Sarmento, Rua dr. Agostinho Barbosa, Avenida Eng.º Duarte Pacheco, Largo Navarros de Andrade, Rua Gil Vicente e Toural, onde estará instalada a meta.

Como já anteriormente dissemos, a prova de Guimarães tem o patrocínio da Câmara Municipal e terá diversos prémios em disputa. A hora da corrida ainda não está definitivamente marcada, pois será de manhã ou de tarde, consoante houver ou não jogo de futebol no campo da Amorosa.

Conversando com Ele...

Nós e **Fernando Vaz** mais uma vez trocamos impressões, ficando elas aqui registadas, dentro do interesse costumado dos nossos leitores.

— ?

Chegados quase ao termo do Campeonato em curso, de cuja Zona Norte já somos campeões' impunha-se fazer descansar alguns jogadores titulares, mormente aqueles que se ressentiram mais da lei das lesões.

A medida, tomada como imperativo dos interesses do Vitória, por via das exigências de esforços e do dispêndio de energias extras que se vão pedir aos jogadores na segunda fase da prova, não podia mesmo assim, como é óbvio, concitar total simpatia e unânime concordância, certo e sabido que ninguém gosta de perder, nem a feijões...

Todavia, se atentarmos bem na dureza e nas dificuldades de que se reveste o Campeonato que estamos a disputar, talvez encontremos margem suficiente de argumentos para justificar a chamada de alguns novos à equipa principal do Vitória.

— ?

— Vejamos, numa simples anotação, a transparência dos pontos de vista que pretendemos aduzir:

I — Na II Divisão jogamos em piores campos. O «clima de jogo é também pior». O futebol é mais viril e mais arrogante, portanto mais operoso e desgastador.

II — Possuimos um número restrito de reservas para os quais não há jogos de competição. Não há recursos para estágios e concentrações dos jogadores.

III — O ambiente dos jogos restringe o nível das arbitragens.

IV — Finalmente, exigem se trinta e seis jornadas aos Clubes para se consagrarem campeões, depois de o terem sido, como é o caso do Vitória.

E, agora, confrontemos o que enunciamos com o que se passa na I Divisão:

I — Os campos são melhores, quase todos relvados. O «clima» de jogo é nitidamente mais elevado. A finalidade do futebol que se pratica tem um nível bastante superior.

II — Há maior número de jogadores e provas oficiais para os manter em actividade e em boa forma. Há lares, estágios, recursos em suma.

III — O nível das arbitragens é melhor, por via do ambiente que rodeia os jogos.

IV — Apenas se exigem vinte e seis jornadas aos Clubes para se consagrarem campeões.

— ?

— Posto isto, resta-nos dizer que a partida de domingo passado ,frente ao Sporting de Espinho, revelou-nos a habilidade de três jovens vimaranenses, cujas actuações excederam tudo quanto esperávamos deles, numa estreia merecida e justificada pela aplicação que têm demonstrado nos treinos.

Deixamos aqui registado o nosso preito de simpatia pelo brio e generosidade que esses jovens souberam verter no campo da luta ao serviço do Vitória,

Parabéns, Miranda, Vieira e Augusto Silva.

Este empate faz parte do saber de experiência feito que há-de formar a vossa bagagem de jogadores.

O «Desportivo F. de Holanda» Homenageou o treinador Augusto Barreira

A Direcção deste Clube resolveu prestar uma homenagem ao seu dedicado treinador da secção de futebol, sr. Augusto Barreira, a qual se realizou ontem às 20 horas na sede do mesmo Clube, onde foi feito o descerramento da fotografia do homenageado, cujas qualidades foram exaltadas.

Seguidamente e no Restaurante Jordão, efectuou-se um Jantar de confraternização, que decorreu em ambiente de entusiasmo.

A esta manifestação de simpatia, que foi simultâneamente uma consagração merecida à equipa de Juniores, pelo seu brilhante comportamento no Regional, que lhe deu direito à qualificação para o Nacional, nos referiremos no próximo número, com mais espaço.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

hérnia

UMA BOA NOTÍCIA

O moderno método patenteado, sem mola e sem pelota

MYOPLASTIC - KLÉBER

é aplicado no nosso país pelo especialista internacional

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

Graças a este verdadeiro «músculo de socorro» a vossa parede deficiente será reforçada e os órgãos mantidos no seu lugar «Como se fosse com as mãos». Encontrareis imediatamente bem estar e vigor, como anteriormente. E' maravilhoso.

VINDE FAZER UM ENSAIO GRATUITO, EM

GUIMARÃES — **Farmácia Hórus** — Largo do Toural 116 — DIA **8** de Março

BRAGA — **Farmácia Roma** — Rua dos Chãos, 111 — DIA **4** de Março

J. MONTENEGRO

ELECTRICIDADE E MÁQUINAS

BOBINAGENS DE MOTORES 529

Telef. 4510 GUIMARÃES

AMÍLCAR—Fotógrafo

Acaba de instalar o seu atelier, com a mais moderna aparelhagem, ao Largo 28 de Maio, onde espera a visita dos seus estimados clientes e amigos.

Fotografias em todos os géneros — Máquinas, Rolos, Albuns — Fotocópias e Acabamento de trabalhos aos amadores. 83

EXPLICAÇÕES

PARA O CURSO LICEAL

A Meninas e Rapazes

Dá Senhora com o 2.º ano de Medicina:

1.º e 2.º Ciclos — Todas as disciplinas;

3.º Ciclo — Matemática, Ciências Naturais e Ciências Fisico-Químicas.

AV. CÓNEGO GASPAR ESTAÇO, CASA R — 1.º. ESQ.º

GUIMARAES 44

Canetas de Tinta permanente

Completo sortido de todas as marcas e para todos os preços

Vendas a pronto e a prestações com bónus

CASA DAS NOVIDADES

RUA DA RAINHA Telef. 4350 GUIMARÃES

Ofertas e Procuras

Adélia de Sena Parteira diplomada — Travessa da Avenida Conde de Margaride — Guimarães. 109

Explicações De *Matemática*, dá licenciado em matemáticas, com longa prática, a todos os ciclos do Liceu e aptidão às Universidades. De *Inglês* e *Alemão*, dá licenciada em Germânicas. Informa-se na Rua de S. Damâso, 51. 24

«O S. Nicolau dos Estudantes»

Tradições escolaresde Guimarães

Por A. L. de Carvalho

À VENDA NAS LIVRARIAS

Casa com jardim e horta Vende-se ou aluga-se, com frente para a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e Rua Abade de Tagilde.

Tratar com João Ribeiro Dias Júnior — Rua da Rainha D. Maria II, 132. 88

ALTA SAPATARIA

Calçado de reputadas marcas, aos melhores preços.

Também se executa por medida, com rapidez e perfeição. 101

SAPATARIA IMPÉRIO

TOURAL — Telef. 4395

Vende-se Prédio de 3 andares na Avenida de D. Afonso Henriques.

Informa esta redacção. 84

CAIXOTES VAZIOS VENDE

Pedro da Silva Freitas — Rua S. António, 13 — Guimarães. 82

Casas, em Creixomil

Vemdem-se três moradas, em separado, e parte de um campo. Ver e tratar com Manuel Fernandes — Cruzeiro — Brito — Guimarães. 102

Rádios, de diversas marcas

Gira-discos, Discos, Ferros, Aquecedores, Candeeiros e todo o material eléctrico.

Grandes facilidades de pagamento.

Oficina de reparações.

Almeida & Marques, L.da

RUA DA RAINHA, 38-40

Assinai o Notícias de Guimarães